



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ZÉ DOCA - CESZD
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**ANDREIA LIMA CARVALHO
GISELE ALCÂNTRA ALVES
LÚCIA FERNANDA SILVA ROCHA**

LITERATURA MARANHENSE DO SÉCULO XIX: uma abordagem histórico-literária em sala de aula através da obra 'Úrsula', de Maria Firmina dos Reis, com estudantes da educação de jovens e adultos (EJA) da Escola Municipal José Miranda Braz.

Zé Doca
2025

ANDREIA LIMA CARVALHO
GISELE ALCÂNTRA ALVES
LÚCIA FERNANDA SILVA ROCHA

LITERATURA MARANHENSE DO SÉCULO XIX: uma abordagem histórico-literária em sala de aula através da obra 'Úrsula', de Maria Firmina dos Reis, com estudantes da educação de jovens e adultos (EJA) da Escola Municipal José Miranda Braz.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras de Língua Portuguesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do grau de licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador(a): Professora Mestre Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos

ZÉ DOCA

2025

Carvalho, Andreia Lima

Literatura maranhense do século XIX: uma abordagem histórico - literária em sala de aula através da obra "Úrsula" de Maria Firmina dos Reis, com estudantes da educação de jovens e adultos (EJA) da Escola Municipal José Miranda Braz. / Andreia Lima Carvalho, Gisele Alcântara Alves, Lúcia Fernanda Silva Rocha. – Zé Doca, MA, 2025.

88 f

TCC (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Zé Doca, 2025.

Orientador: Profa.Ma. Magna Keytt Mascarenhas dos Santos.

Elaborado por Cássia Diniz - CRB 13/910

ANDREIA LIMA CARVALHO
GISELE ALCÂNTRA ALVES
LÚCIA FERNANDA SILVA ROCHA

LITERATURA MARANHENSE DO SÉCULO XIX: uma abordagem histórico-literária em sala de aula através da obra 'Úrsula', de Maria Firmina dos Reis, com estudantes da educação de jovens e adultos (EJA) da Escola Municipal José Miranda Braz.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras de Língua Portuguesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do grau de licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador(a): Professora Mestre Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: _04_/_02_/ 2025

Documento assinado digitalmente
 **MAGNA KHEYTT MASCARENHAS DOS SANTOS**
Data: 17/02/2025 10:52:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Ma. Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos

Documento assinado digitalmente
 **ORQUÍDEA MARQUES DA SILVA**
Data: 17/02/2025 11:07:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Esp. Orquídea Marques da Silva

Documento assinado digitalmente
 **ANDRÉ OLIVEIRA DO ESPÍRITO SANTO**
Data: 19/02/2025 14:24:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. André Oliveira do Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaríamos de expressar nossa gratidão a Deus, que nos acompanhou ao longo da construção deste projeto pessoal e profissional, e que nos fortaleceu para superar todos os desafios. Optar por explorar territórios desconhecidos é uma jornada que demanda coragem. Motivadas por essa coragem, decidimos nos aprofundar neste vasto universo que conduz ao conhecimento, o qual se multiplica entre as pessoas e abre um leque de possibilidades.

Agradecemos também aos nossos familiares, que estiveram sempre ao nosso lado, oferecendo apoio e encorajamento para que pudéssemos alcançar este ponto. Em todas as etapas, eles nos apoiaram, compreenderam nossas fraquezas, ouvindo-nos diariamente, demonstrando afeto, carinho e atenção.

Não poderíamos também deixar de mencionar nossa gratidão a todos os professores, à administração como um todo e aos colegas de turma, que se dedicaram e contribuíram significativamente para nossa formação como novos profissionais. Da mesma forma, somos gratos ao governo estadual, que através de políticas públicas, promove o ensino público mesmo nas áreas mais remotas e improváveis. Essas políticas garantem que pessoas menos favorecidas tenham acesso a um ensino de qualidade, atendendo às expectativas educacionais da população mais necessitada.

Por último, expressamos nossa gratidão à sociedade brasileira por financiar as universidades públicas, possibilitando o acesso à educação àqueles que assim desejam. Esperamos retribuir tudo o que nos foi ensinado ao longo desses quatro anos, dedicando-nos ao nosso trabalho com empenho e dedicação. Desejamos ser profissionais competentes e servir dignamente, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.

“Deixai, pois, que a minha “Úrsula”, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós” (REIS, 2018, p. 94).

RESUMO

Este trabalho apresenta um projeto aplicado em sala de aula com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que utiliza a obra "Úrsula" de Maria Firmina dos Reis para explorar a luta das mulheres na literatura e na sociedade, além de analisar desigualdades de gênero e raça persistentes no contexto histórico. Este estudo é fundamental porque pode ampliar a compreensão dos alunos sobre as complexidades da identidade feminina e racial no Brasil colonial, promovendo uma reflexão crítica sobre como essas questões históricas ainda influenciam a sociedade contemporânea. Ao abordar as intersecções entre gênero e raça, os estudantes podem desenvolver uma visão mais profunda dos desafios e lutas atuais, contribuindo para um debate mais consciente sobre igualdade e justiça social. A pesquisa foi fundamentada em autores como Botelho (2019), Lacroix (2008), que analisam a historicidade do Maranhão e a criação da "Atenas Brasileira", e Lerner (2021-2022), Gomes (2022), Bourdieu (2022) e Woolf (2018), que discutem as questões de gênero e as lutas das mulheres ao longo da história nos campos social, educacional e literário. A metodologia incluiu entrevistas e questionários via Google Forms, combinando métodos quantitativos e qualitativos. Os dados coletados não apenas corroboram os conceitos estudados, mas também aprofundam a compreensão sobre o papel das mulheres na sociedade patriarcal do século XIX e os desafios enfrentados por elas como escritoras.

Palavras-chave: Maria Firmina, Século XIX, Literatura, Úrsula, Apagamento da Mulher, Patriarcalismo, Escravidão.

SUMMARY

This work presents a project applied in the classroom with students of Youth and Adult Education (EJA) that uses the work "Úrsula" by Maria Firmina dos Reis to explore the struggle of women in literature and society, in addition to analyzing persistent gender and race inequalities in the historical context. This study is fundamental because it can broaden students' understanding of the complexities of female and racial identity in colonial Brazil, promoting a critical reflection on how these historical issues still influence contemporary society. By addressing the intersections between gender and race, students can develop a deeper insight into current challenges and struggles, contributing to a more conscious debate about equality and social justice. The research was based on authors such as Botelho (2019), Lacroix (2008), who analyze the historicity of Maranhão and the creation of the "Brazilian Athens", and Lerner (2021-2022), Gomes (2022), Bourdieu (2022) and Woolf (2018), who discuss gender issues and women's struggles throughout history in the social, educational and literary fields. The methodology included interviews and questionnaires via Google Forms, combining quantitative and qualitative methods. The data collected not only corroborate the concepts studied, but also deepen the understanding of the role of women in the patriarchal society of the nineteenth century and the challenges faced by them as writers.

Keywords: Maria Firmina, Nineteenth Century, Literature, Ursula, Erasure of Women, Patriarchy, Slavery.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2. OBJETIVOS	13
2.1. <i>Objetivo geral.....</i>	<i>13</i>
2.2. <i>Objetivos específicos</i>	<i>13</i>
3.METODOLOGIA.....	14
4.REFERENCIAL TEÓRICO	17
4.1. <i>O Maranhão do Século XIX: uma abordagem histórica e social</i>	<i>17</i>
4.2. <i>A Atenas Brasileira</i>	<i>18</i>
4.3. <i>O Romantismo no Maranhão</i>	<i>23</i>
5. AS BARREIRAS ENFRENTADAS PELAS MULHERES NA LITERATURA DO SÉCULO XIX.	25
6.MARIA FIRMINA DOS REIS: UMA PIONEIRA ESQUECIDA	34
6.1. <i>Uma voz feminina na literatura maranhense no século XIX.....</i>	<i>35</i>
6.2. <i>A luz da verdade na obra 'Úrsula', de Maria Firmina dos Reis</i>	<i>41</i>
6.3. <i>O apagamento de Maria Firmina e a descoberta da obra Úrsula.</i>	<i>43</i>
7. ANÁLISE DA OBRA ÚRSULA E SUAS PERSONAGENS.....	49
7.1. <i>Úrsula.....</i>	<i>49</i>
7.2. <i>A representação da mulher anjo e da mulher demônio nas personagens de Úrsula e Adelaide.</i>	<i>50</i>
7.3. <i>A imagem da mulher perfeita do século XIX, e os estigmas da violência doméstica.....</i>	<i>51</i>
7.4. <i>Uma abordagem histórica sobre o que é ser negro dentro e fora da África nas narrativas dos escravos: Preta Susana, Túlio e Antero.</i>	<i>53</i>
7.5. <i>Túlio e Tancredo: homens emergentes idealizados por Maria Firmina dos Reis aos novos tempos.....</i>	<i>58</i>
8. PERCURSO DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	64
8.1. <i>Um breve histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos na era contemporânea</i>	
644	
9. ANÁLISE DE DADOS ATRAVÉS DA VERIFICAÇÃO DE GRÁFICOS.....	68
1. <i>Gráfico - Sexo do público-alvo</i>	<i>68</i>
2. <i>Gráfico - Idade do público-alvo</i>	<i>69</i>
3. <i>Gráfico - Local de moradia do público-alvo.....</i>	<i>70</i>
4. <i>Gráfico - Você gosta de literatura?</i>	<i>71</i>

5.Gráfico - Onde você costuma ter acesso a literatura?	71
6.Gráfico - Você costuma ter curiosidade sobre quem escreveu o livro que você lê? 722	
7.Gráfico Você conhece alguma obra / autor maranhense?.....	73
8.Gráfico- Você acha que as mulheres escritoras têm as mesmas oportunidades que os homens quando publicam suas obras?	74
9.Gráfico -Você conhece alguma escritora maranhense?	75
10.Gráfico - Você conhece alguma escritora negra que seja do Maranhão? 76	
11.Gráfico - Você acha possível que em 1822 uma mulher negra e pobre tenha escrito alguma obra literária?	77
12.Gráfico- Já ouviu falar em Maria Firmina dos Reis?.....	78
13.Gráfico -Gostaria de conhecer a história de uma mulher maranhense negra e pobre nascida em 1822 e que foi escritora, professora concursada no estado do Maranhão?	79
14.Gráfico - Autorizo que minhas respostas sejam usadas para construção do trabalho de conclusão de curso do pesquisador.	80
10.CONCLUSÃO.....	81
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	85
APÊNDICE	86

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um projeto aplicado em sala de aula com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), utilizando a obra "Úrsula" de Maria Firmina dos Reis, como ponto de partida na compreensão sobre a luta das mulheres na literatura e na sociedade, além de uma análise crítica sobre as desigualdades persistentes de gênero e raça. O romance permite explorar como as narrativas do século XIX refletem os diversos espaços sociais ocupados ainda por mulheres e pessoas negras.

Adicionalmente, é crucial destacar que mesmo diante do renascimento cultural conhecido como o "Período Áureo da Literatura Maranhense", que destacou figuras como Gonçalves Dias e Aluísio de Azevedo, a presença feminina na literatura foi limitada e frequentemente subestimada devido às estruturas patriarcais dominantes.

Nesse viés, é fundamental compreender o contexto histórico que levou à sub-representação das mulheres na literatura maranhense do século XIX. Estudar Maria Firmina dos Reis não apenas ilumina sua importância singular, mas também lança luz sobre as condições desafiadoras que moldaram a produção literária feminina ao longo da história.

Assim sendo, introduzir a obra Úrsula de Maria Firmina em sala de aula, especialmente no contexto da EJA, visa promover um pensamento crítico e contextualizado sobre as contribuições das mulheres escritoras no campo literário, além de valorizar suas vozes historicamente marginalizadas.

Ao estudar "Úrsula", os alunos podem analisar como a autora desafia e subverte as convenções literárias e sociais do século XIX, dando voz e agência a personagens negras e femininas que raramente eram protagonistas em outras obras de sua época. Isso amplia a compreensão dos alunos sobre as complexidades da identidade feminina e racial no Brasil colonial e promove uma reflexão crítica sobre como essas questões históricas influenciam a sociedade contemporânea.

Os objetivos deste trabalho incluem apresentar um projeto aplicado em sala de aula com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), utilizando a obra "Úrsula" como um exemplo representativo das narrativas que exploram os diversos espaços sociais ocupados pelas mulheres e as condições adversas enfrentadas por personagens femininas, especialmente as negras, no contexto colonial brasileiro.

Através dessa abordagem, será possível compreender como as lutas de mulheres escritoras se entrelaçam com as questões de opressão e resistência de uma sociedade marcada pela desigualdade.

A estrutura do trabalho é organizada em seis capítulos com títulos e subtítulos claros: Na primeira parte, "O Maranhão do século XIX: uma abordagem histórica e social", discute-se a "Atenas Brasileira" e o romantismo no Maranhão. A segunda parte, "As Barreiras Enfrentadas pelas Mulheres na Literatura do Século XIX", aborda as dificuldades específicas que as mulheres enfrentaram para se tornarem escritoras. Na terceira parte, "Maria Firmina dos Reis: Uma Pioneira Esquecida", detalha-se sua biografia, obras principais, seu apagamento histórico e redescoberta de sua contribuição para a literatura brasileira. A quarta parte, "Análise da Obra 'Úrsula'", explora criticamente a representação das mulheres e a visão da sociedade do século XIX sobre o papel feminino, com foco nas personagens negras e na representação dos horrores da escravidão. Na quinta parte, "Percurso de Desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos no Contexto Brasileiro, será apresentado um breve histórico da modalidade (EJA) na era contemporânea. Por fim, na sexta e última parte, "Coleta e Análise dos Dados", são discutidos os resultados da análise dos questionários, oferecendo insights sobre a percepção contemporânea da autoria feminina na literatura do século XIX.

A metodologia adotada combinou pesquisa quantitativa e qualitativa, utilizando questionários abertos e semiabertos através do aplicativo Google Forms. Além disso, foram consultadas fontes bibliográficas, incluindo obras da autora e artigos relevantes, como os de Botelho (2019), Lerner (2021-2022), Gomes (2022), Bourdieu (2022) e Woolf (2018).

Em suma, este trabalho confirma a conexão entre os temas abordados e os dados coletados, contribuindo para uma compreensão mais profunda da escrita feminina na literatura do século XIX, exemplificada pela figura de Maria Firmina dos Reis.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Apresentar um projeto aplicado em sala de aula com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), utilizando a obra "Úrsula" como um exemplo representativo das narrativas que exploram os diferentes espaços sociais ocupados pelas mulheres e as condições adversas enfrentadas por personagens femininas como Maria Firmina dos Reis, especialmente as negras, no contexto colonial brasileiro para se afirmarem como escritoras em um patriarcado fomentado pela ordem social vigente intrinsecamente ligados aos horrores da escravidão, refletindo as complexidades do contexto histórico, cultural, econômico e social do Brasil colonial.

2.2. Objetivos específicos

- ✓ Coletar informações dos discentes da modalidade EJA sobre suas experiências com literatura maranhense.
- ✓ Demonstrar através de dados concretos a importância da literatura maranhense de cunho feminino em sala de aula na modalidade EJA.
- ✓ Introduzir os alunos ao contexto histórico e literário do século XIX, destacando as desigualdades de gênero na literatura.
- ✓ Encorajar os alunos a analisar criticamente como as mulheres eram retratadas nas obras literárias da época e comparar com os papéis dos homens.
- ✓ Promover debates sobre as representações de gênero na literatura, incentivando os alunos a compartilhar suas próprias perspectivas e experiências.
- ✓ Examinar as condições de submissão e marginalização enfrentadas pelas mulheres e como a escravidão afetou as personagens negras na obra de Maria Firmina dos Reis, dentro do contexto histórico colonial brasileiro.
- ✓ Explorar os diversos papéis sociais desempenhados pelas mulheres na sociedade do século XIX.
- ✓ Investigar o ambiente social e histórico em que viveu Maria Firmina e a importância de sua obra "Úrsula" no desenvolvimento da literatura afro-brasileira.
- ✓ Explorar as diferentes representações das mulheres do século XIX através das personagens femininas presentes na obra de Maria Firmina dos Reis.

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada nesta pesquisa foi fundamentada em diversos procedimentos para coleta e análise de dados sobre a escritora Maria Firmina dos Reis. Inicialmente, optou-se por um questionário composto por 14 questões abertas e semiabertas. A escolha do Google Forms como plataforma para aplicação do questionário foi estratégica, permitindo a produção de gráficos precisos que apresentaram os resultados em forma de porcentagem, proporcionando uma análise quantitativa robusta dos dados coletados.

Além da abordagem quantitativa, o estudo incorporou uma análise qualitativa, baseada na leitura das obras da autora e revisões bibliográficas de livros e artigos recentes. Foram consideradas também contribuições de autores estrangeiros como Virgínia Woolf, Gerda Lerner, Pierre Bourdieu, entre outros. Essa análise qualitativa enriqueceu a compreensão sobre Maria Firmina dos Reis, contextualizando-a dentro de debates acadêmicos contemporâneos.

Este estudo caracteriza-se como qualitativo devido à profundidade e complexidade de sua abordagem investigativa. Com o objetivo de compreender o apagamento de Maria Firmina dos Reis e seu contexto social, a pesquisa adotou uma perspectiva subjetiva, buscando explorar o “porquê” e o “como” da escassez de autoras femininas na literatura maranhense do século XIX. Em vez de focar em números e estatísticas, como ocorre na pesquisa quantitativa, a abordagem qualitativa procurou examinar significados, experiências e comportamentos, considerando os contextos históricos e contemporâneos dos entrevistados em relação ao tema.

O objetivo dessa abordagem foi construir uma compreensão mais abrangente e detalhada da realidade estudada, proporcionando insights profundos sobre os fatores que moldam a situação e as razões subjacentes aos fenômenos observados.

Durante a investigação, foi conduzida uma entrevista aberta com os estudantes da rede municipal, especificamente da modalidade EJA, realizada em 15 de outubro de 2023. O público-alvo incluiu alunos, professores, equipe administrativa e de apoio da Escola Municipal José Miranda Braz.

A Escola Municipal José Miranda Braz, localizada na Rua do Comércio, número 350, foi fundada em outubro de 1997 com recursos próprios durante a gestão do prefeito Alcir Mendonça da Silva e do vice-prefeito João Gusmão. Inicialmente, a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) funcionava na Escola Municipal Princesa Isabel de

2012 a 2016. Em 2017, devido a questões de espaço, segurança e acessibilidade, a EJA foi transferida para seu local atual, durante a gestão da prefeita Josinha Cunha. Desde 2018, a escola tem oferecido educação na modalidade EJA. Todas essas informações são de domínio público e foram confirmadas pelo diretor geral da escola, Ronivaldo Leite Cavalcante.

A escola onde a pesquisa foi aplicada abriga um total de 20 alunos, além de contar com 06 professores da sala regular e 02 do atendimento educacional especializado na modalidade EJA. O corpo administrativo é composto por 01 diretor, 02 secretários, 02 vigias, 02 zeladores e 01 merendeira. A infraestrutura da escola é bastante ampla, incluindo 15 salas de aula, 01 auditório, 01 cantina, 06 banheiros, 01 quadra esportiva e 01 sala de professores. Todo o ambiente é climatizado, proporcionando conforto aos alunos e funcionários, o que é relevante para o ambiente de aprendizado dos estudantes da EJA.

No contexto do projeto, iniciou-se com a elaboração de um questionário contendo 14 questões, desenvolvido para investigar e coletar informações claras e precisas sobre o conhecimento dos alunos da EJA da Escola Municipal José Miranda Braz, em Zé Doca-MA, acerca da escrita feminina na literatura maranhense, com foco especial em Maria Firmina dos Reis. A construção do questionário teve a participação essencial da professora Magna Kheytt Mascarenhas, responsável pela disciplina de Literatura Maranhense, sendo fundamental para o início do projeto. A aplicação do projeto começou com apresentações em sala de aula conduzidas pela professora da turma, onde alunos e pesquisadores tiveram seu primeiro contato. Durante as entrevistas com os alunos da EJA, foi notável que estes estavam mais familiarizados com autores masculinos como Gonçalves Dias do que com Maria Firmina dos Reis, que foi unanimemente desconhecida para eles.

As respostas dos alunos destacaram a necessidade de introduzir a literatura maranhense na sala de aula, especialmente no contexto da modalidade EJA, para promover um pensamento crítico e contextualizado sobre as contribuições das mulheres escritoras no campo literário. Foi proposta uma exposição oral sobre a vida e obras de Maria Firmina dos Reis, com foco em "Úrsula", a fim de integrá-la ao projeto de maneira mais dinâmica.

Durante a explanação sobre a trajetória da escritora, os alunos demonstraram surpresa diante das informações apresentadas, pois desconheciam sua significativa contribuição para a cultura e educação do Maranhão. Isso gerou um interesse genuíno entre os estudantes, levando à aplicação do projeto em sala de aula, que incluiu a coleta

de dados sobre a participação das mulheres na literatura maranhense do século XIX, com ênfase em Maria Firmina dos Reis.

Em suma, o questionário foi aplicado em sala de aula com a participação ativa dos alunos da EJA, alcançando quase cem por cento de participação, conforme esperado.

Em consonância com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 580 de 22 de março de 2018 do Comitê de Ética em Pesquisa, foram adotadas medidas rigorosas para garantir a proteção dos dados dos participantes. Todos os envolvidos foram informados sobre a garantia de sigilo e anonimato de suas identidades, respeitando sua autonomia.

Em resumo, o período de estudo compreendeu de janeiro de 2022 a dezembro de 2023, durante o qual foram implementadas metodologias diversificadas para abordar de maneira abrangente e profunda o entendimento sobre Maria Firmina dos Reis, contribuindo significativamente para o enriquecimento do conhecimento acadêmico sobre essa importante figura da literatura brasileira.

4.REFERENCIAL TEÓRICO

4.1.O Maranhão do Século XIX: uma abordagem histórica e social

O estudo de Botelho (2019) sobre a formação do Maranhão destaca um cenário de constantes conflitos e revoltas entre índios, negros escravizados e europeus que se estabeleceram na região, utilizando a exploração humana como meio de subordinação e dominação sobre as classes menos favorecidas, tidas como inferiores.

Segundo o autor, apesar do caráter escravista predominante, o Maranhão contava com uma diversidade de grupos sociais. Entre estes, havia homens livres de diversas origens étnicas, como brancos, mestiços, índios e pessoas rotuladas como "indolentes", coabitando junto aos escravos. Além disso, uma classe média emergia, composta por pequenos fazendeiros, militares, artesãos independentes, burocratas e profissionais liberais.

Entretanto, Botelho ressalta que, apesar da pluralidade de habitantes, o Estado do Maranhão ainda carecia de uma identidade própria. Esta identidade começaria a se definir a partir das revoltas que surgiram devido às disputas pela hegemonia territorial entre os portugueses, que se consideravam proprietários legítimos das terras por terem chegado antes de outras potências europeias.

Ainda segundo o autor, um dos marcos dessas revoltas foi o conflito territorial entre franceses e portugueses, culminando na vitória dos luso-espanhóis em 1615, o que efetivamente consolidou a colonização do Maranhão após a expulsão dos franceses.

Adicionalmente, durante o governo do Marquês de Pombal, o Maranhão se viu livre de outras dominações europeias, e foi implementada a legislação conhecida como Diretório de Pombal em 1757, que proibiu a escravização dos índios pelos europeus, reforçando ainda mais a dependência da mão de obra negra escravizada. “Isso resultou num aumento significativo do tráfico de africanos, principalmente das regiões de Cacheu, Bissau e Angola, para trabalharem nas lavouras de arroz, açúcar e algodão, impulsionando ainda mais o comércio de escravos na região” (BOTELHO, 2019, p. 108).

Portanto, de acordo com Botelho, a estrutura social do Maranhão se configurou a partir da interação entre diversos grupos étnicos, culturais e socioeconômicos, contradizendo a narrativa predominantemente elitista frequentemente encontrada nos livros de história sobre a formação do Estado.

4.2.A Atenas Brasileira

Segundo Botelho (2019), a criação dos "Novos Atenienses" representa principalmente a afirmação de um grupo de intelectuais diante da sociedade local e nacional, como um mito que destaca a excepcionalidade da cultura regional, especialmente em São Luís, e nos centros urbanos do interior da província, que desempenharam um papel crucial na economia, especialmente na agroexportação.

O Maranhão teve um surgimento glorioso no cenário econômico da Colônia no século XVII, em plena vigência do Mercantilismo. Isso porque encontrava-se inserido no mercado internacional, desde a expulsão dos franceses, em 1615. Em 1895, o Maranhão ocupava o segundo lugar entre os estados industriais à frente da Capital Federal, Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo (DUARTE; TOLENTINO, et al. 2018, p.85)

Essa citação destaca a importância histórica e econômica do Maranhão durante diferentes períodos da história do Brasil. No século XVII, o Maranhão se destacou devido à sua posição estratégica no comércio internacional, especialmente após a expulsão dos franceses em 1615, que permitiu aos portugueses consolidar o controle sobre a região e explorar suas ricas atividades econômicas, como a produção de açúcar.

Mais tarde, como já citado, no final do século XIX, o Maranhão novamente se destacou como um centro industrial significativo no contexto brasileiro. É impressionante que, em 1895, o Maranhão estava à frente de importantes estados como Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo em termos de industrialização, ocupando o segundo lugar no país.

Esse desenvolvimento econômico do Maranhão ao longo dos séculos reflete não apenas seus recursos naturais abundantes, mas também as políticas comerciais e industriais que moldaram a sua história. A citação ressalta a importância da região não apenas como um ponto estratégico, mas também como um protagonista econômico em diferentes momentos cruciais para o Brasil colonial e pós-independência.

Nesse contexto de “surgimento glorioso no cenário econômico é que as famílias ricas ludovicenses adquiriam recursos para enviar seus filhos para estudarem em grandes centros como “Paris, Lisboa, Coimbra, e em outros estados local, como Pernambuco”. (BOTELHO, 2019, p.193).

Os historiadores maranhenses unanimemente atribuem àquele momentâneo crescimento econômico a possibilidade de algumas famílias tradicionais mandarem educar seus filhos na Europa, mais especificamente em Portugal, Inglaterra e França. (LACROIX, 2008, p. 77).

De acordo com Lacroix, o crescimento econômico temporário no Maranhão permitiu que algumas famílias tradicionais investissem na educação de seus filhos no exterior, especificamente em Portugal, Inglaterra e França. Segundo a autora, isso reflete não apenas um desejo de status e prestígio, mas também a busca por educação de qualidade em centros de conhecimento europeus renomados na época.

A autora destaca que enviar os filhos para estudar na Europa não era apenas uma questão de educação formal, mas também uma oportunidade para as elites maranhenses se conectarem com o centro do conhecimento europeu da época. Essa experiência não apenas enriquecia o currículo acadêmico dos jovens, mas também os expunha a novas ideias, culturas e perspectivas que poderiam ser trazidas de volta para o Maranhão.

Além disso, a educação na Europa provavelmente contribuiu para a formação de uma elite local mais cosmopolita e conectada aos desenvolvimentos intelectuais e culturais europeus. Esses indivíduos poderiam desempenhar papéis significativos na administração colonial, nos negócios e na vida intelectual do Maranhão, influenciando indiretamente o desenvolvimento da região.

É crucial considerar o contexto histórico mais amplo, incluindo as dinâmicas coloniais, econômicas e sociais da época. O Maranhão, como outras partes do império colonial português, estava inserido em redes globais de comércio e cultura, e o envio de jovens para estudar na Europa fazia parte dessa dinâmica mais ampla de conexões transatlânticas como se pode perceber em Lacroix.

Em suma, a citação destaca um aspecto específico da história do Maranhão que ilustra como o crescimento econômico temporário proporcionou oportunidades educacionais únicas para as elites locais. Isso não apenas moldou suas trajetórias individuais, mas também teve impactos mais amplos na sociedade e na cultura da região colonial. “Assim, os “doutores” da província, formaram-se, principalmente, em Direito, Letras, Medicina e Matemática, além de serem largamente influenciados pelo Romantismo francês”. (BOTELHO, 2019, p.194).

Assim no discurso conservador, o Maranhão, do século XIX, foi uma” terra de intelectuais”, de bacharéis e doutores, onde um grande número de escritores nativos contribuiu para a formação de escolas literárias e de avançados estudos sobre os diversos ramos da ciência, incluindo as letras e o gênero humano. Esta intelectualidade construiu uma identidade, cujos ecos perduram pelos rincões do Maranhão até os dias atuais. Dessa forma, ascendeu, já na primeira metade do século XIX, uma elite intelectual maranhense, composta por professores, advogados, poetas, biógrafos, escritores, jornalistas, historiadores, geógrafos e tradutores”. Destacando-se nomes como: Francisco Sotero dos Reis, Gonçalves Dias, Antônio Barbosa de Godóis, João Francisco Lisboa, Manoel Odorico Mendes, Trajano Galvão, Celso da Cunha Magalhães, Artur

Gonçalves de Azevedo, Raimundo Nina Rodrigues, José Ribeiro do Amaral, Aluísio de Azevedo, Raimundo Correia, Dunshee de Abranches, Teixeira Mendes, Sousândrade, Gomes de Sousa, César Marques, Coelho Neto, Humberto de Campos, Graça Aranha, Antônio Henriques Leal, Adelino Fontoura, Teófilo Dias, Justo Jansen, Viriato Correa, Maranhão Sobrinho, Vespasiano Ramos, Astolfo Marques, Godofredo Viana e muitos outros, que formaram as “Gerações” de intelectuais maranhenses.(BOTELHO, 2019, p.194).

Entretanto, mesmo à luz desse levantamento histórico, Botelho afirma que o grupo de literários ludovicenses representa uma concepção elitista, forjada e excludente. Ao associar a “Atenas Brasileira” apenas aos filhos da classe dominante, essa visão restringe o conceito de cultura à produção dessa camada social privilegiada, ignorando a riqueza e a diversidade dos setores subalternos. (BOTELHO, 2019, P. 191).

Adicionalmente, Botelho argumenta que o uso do termo "Atenas Brasileira" para se referir a uma cidade específica no Brasil reflete uma visão elitista da cultura. Ao destacar apenas a produção cultural da classe dominante, ele sugere que essa designação ignora ou marginaliza as contribuições culturais das camadas sociais menos privilegiadas. Segundo o historiador, isso pode reforçar desigualdades e distorcer a percepção da diversidade cultural de uma região.

Para o autor esse contexto elitista é equivocado, pois cultura não se restringe a um grupo privilegiado, mas abrange um conjunto diversificado de saberes e conhecimentos adquiridos.

Para Botelho, cultura verdadeira engloba a participação de todas as classes sociais, destacando especialmente a exclusão histórica das mulheres e de outros grupos marginalizados. Ele argumenta que a verdadeira cultura não pode ser definida apenas pelos cânones estabelecidos pela elite intelectual, mas deve ser entendida como um fenômeno inclusivo e diversificado, que reconhece e valoriza todas as contribuições sociais e intelectuais, independentemente de sua origem ou gênero que pontua de forma contundente sua visão dizendo:

A cultura de um povo, em seu conjunto, diz respeito a todas as classes sociais. Nesse sentido, em conceito amplo, cultura é o conjunto de manifestações, crenças, e comportamentos, inerente a um povo, envolvendo todos os seres humanos independentemente da cor, religião ou classe social, tanto dominante quanto subalterna. Assim, é de responsabilidade da historiografia maranhense resgatar e enaltecer, não somente a cultura praticada pelas elites, mas, também, a cultura popular, em sua originalidade, como expressão dos negros, escravos, brancos pobres, índios e mestiços, homes e mulheres, que compuseram, inclusive a maioria da população da província e foram excluídos pela sociedade. (BOTELHO, 2019, p. 191)

Portanto, o discurso de Botelho enfatiza a necessidade de uma visão mais ampla e inclusiva da cultura, rejeitando a exclusão baseada em critérios elitistas e propondo uma compreensão mais democrática e abrangente dos saberes.

A crítica de Botelho aponta para uma exclusão significativa: ao limitar o conceito de cultura à produção das elites, há uma marginalização das expressões culturais dos setores subalternos da sociedade. Isso não apenas diminui a riqueza cultural real de uma região, mas também perpetua estereótipos e desigualdades sociais ao não reconhecer a diversidade cultural mais ampla que caracteriza uma cidade ou região.

O comentário de Botelho levanta questões importantes sobre como as identidades culturais são construídas e representadas. Ao usar termos como "Atenas Brasileira", há uma responsabilidade implícita de representar e incluir todas as facetas culturais de uma comunidade, não apenas as que se encaixam em uma narrativa elitista.

Adicionalmente, como se pode ver, essa narrativa não inclui a contribuição das mulheres. Em nenhum momento são mencionadas como protagonistas ou mesmo como figuras importantes entre os intelectuais que desempenharam um papel crucial de acordo com a história na consolidação dessa imagem de "Atenas Brasileira". Essa exclusão reflete não apenas uma lacuna na história oficial, mas também a necessidade de revisão e inclusão de todas as vozes que contribuíram para a formação desse legado cultural.

Em resumo, a citação de Botelho é um lembrete poderoso de que os termos e conceitos usados para descrever cidades ou regiões têm um impacto significativo na forma como se entende e se valoriza a diversidade cultural. Ignorar as contribuições culturais dos setores subalternos pode distorcer a compreensão de um povo da verdadeira riqueza cultural de uma localidade, perpetuando divisões sociais e falsas hierarquias culturais.

No mesmo contexto, Lacroix indo de encontro com Botelho, afirma que a ideia de "Atenas Brasileira" não emergiu durante um período de opulência econômica, mas sim durante um declínio econômico.

Porém não foi no momento em que o Maranhão se destacou econômica e culturalmente que despontou a ideia de singularidade da Província. Ela surgiu posteriormente na fase do decantado ¹marasmo. Das duas últimas décadas do século XIX, em diante, quando a economia apresentou sintomas de decadência, um sentimento saudosista dos bons tempos resultou na construção de uma aura grega no homem e, em especial, considerada também ilustrada e requintada.

¹ Marasmo- **Significado de Marasmo**

substantivo masculino Condição da pessoa que se encontra apática; ausência de coragem; prostração. Intervalo em que nada acontece; falta de situações relevantes ou acontecimentos importantes; paralisação. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/marasmo/>>

Essa elaboração serviu como um alento, mecanismo esse que minimizou a postura paralisante da decadência, passando-se a viver das lembranças de um “glorioso” passado. (LACROIX, 2008, p.78).

O texto menciona que a ideia de singularidade da Província do Maranhão não surgiu durante seu período de destaque econômico e cultural, mas sim após um declínio econômico. Isso sugere que, diante da crise econômica, houve uma reação por parte dos maranhenses para construir uma identidade baseada em um passado glorioso, em contraste com a realidade decadente do presente.

Como mencionado por Lacroix, durante as últimas décadas do século XIX, conclui-se que houve um movimento saudosista, onde as pessoas se apegaram às memórias de um passado considerado "glorioso". Isso pode ser comum em contextos de crise, segundo a autora, onde o passado é idealizado como um contraponto à decadência presente. Para Lacroix, essa idealização do passado pode servir como um mecanismo de consolo e resistência à paralisia causada pela decadência econômica.

A citação menciona que essa idealização do passado não se limitou apenas à nostalgia, mas incluiu a construção de uma imagem "grega" no homem maranhense da época. Além disso, isso pode se referir a uma tentativa de associar a cultura e a civilização grega clássica a uma elite intelectual e refinada, buscando destacar a província como também ilustrada e requintada, apesar da situação econômica adversa.

Lacroix busca explicar que esse processo não é apenas uma construção histórica, mas também tem implicações culturais e psicológicas significativas. Para a autora, ao idealizar um passado glorioso e associar-se a uma cultura elevada como a grega, a comunidade maranhense da época pode ter encontrado uma forma de resistência cultural e psicológica à decadência econômica.

Portanto, a citação destaca como a construção da ideia de singularidade da Província do Maranhão ocorreu em um contexto de crise econômica, através de um movimento saudosista e de idealização do passado, que incluiu a associação a uma cultura ilustrada e refinada. Essa construção identitária não apenas serviu como consolo frente à decadência, mas também como um meio de reafirmar uma identidade cultural distinta e valorizada.

Mais adiante, Lacroix é bem mais enfática ao se referir ao período de opulência do Maranhão, divergindo categoricamente das opiniões de Botelho e Duarte sobre o breve momento de glória do estado. Segundo Lacroix, esse período não passa de uma ilusão criada talvez por historiadores saudosistas.

Ainda hoje, se diz que o Maranhão se tornou “a terra do já teve” e do já foi”. E exagera-se quanto a sua riqueza material, pois no máximo, alcançou o quarto lugar na economia brasileira, por um período curto, jamais superando o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Continua-se a lembrar que já teve fortuna, todo um esplendor tangível e, sobretudo intelectual e já foi diferente das outras províncias. (LACROIX, 2008, p. 78).

A citação reflete a percepção de que o Maranhão, ao longo do tempo, perdeu o status de prosperidade e relevância que provavelmente já teve no contexto histórico brasileiro. Quando Lacroix menciona, de forma sarcástica, "a terra do já teve" e do "já foi", sugere que o estado vive das memórias de um passado de glórias e riquezas que não estão mais presentes.

Primeiramente, é apontado pela autora, que o Maranhão alcançou apenas temporariamente o quarto lugar na economia brasileira, nunca superando estados como Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco em longo prazo. Isso indica um declínio econômico relativo ao longo dos anos.

Além da riqueza material, a autora destaca também o esplendor intelectual que o Maranhão já desfrutou, sugerindo que o estado foi um polo cultural e intelectual em um momento anterior. Hoje, porém, essa grandiosidade intelectual também é vista como algo do passado.

Portanto, a citação de Lacroix, critica a perda de posição econômica e cultural do Maranhão ao longo dos anos, contrastando seu presente com um passado de maior relevância e prosperidade. Essa reflexão sobre a história do estado possivelmente ressalta como ele foi uma vez diferente das demais províncias brasileiras, mas agora é lembrado mais pelo que já teve do que pelo que atualmente possui.

4.3. O Romantismo no Maranhão

Botelho (2019), destaca que o Romantismo no Maranhão efetivamente emergiu quando os grandes proprietários de terras e comerciantes escravocratas enviaram seus filhos para estudar na Europa, durante o século XIX. Conforme argumentado pelo autor, ao retornarem à sua terra natal, esses jovens já estavam profundamente influenciados por uma nova ideologia romântica, moldada conforme os padrões vigentes na Europa da época. (BOTELHO, 2019, p.194). Assim sendo, essa influência estrangeira foi crucial para a formação de uma nova mentalidade entre a elite local, marcando o início de uma era romântica no contexto maranhense.

O artigo de Botelho (2019) destaca que a elite intelectual de São Luís se inspirava predominantemente na literatura francesa, considerando a França como o epicentro da civilização moderna ocidental. Esses intelectuais utilizavam os jornais locais como plataforma para publicar seus livros e, através de seus romances, criticavam principalmente as elites escravocratas de seu contexto social. Essas críticas visavam demonstrar aversão ao sistema opressivo vigente, que era a base de sustentação da sociedade abastada de São Luís, assim como de todo o Império brasileiro da época.

Nesse contexto Furtado (2017), complementa observando que o fator determinante que levou a província do Maranhão ao pioneirismo na publicação de livros, especialmente do gênero romance, foi a introdução da primeira gráfica em novembro de 1821. Nesse período, foi instalado o primeiro prelo destinado à produção do jornal do Governo, o Conciliador do Maranhão. Esse evento não apenas possibilitou a impressão do periódico oficial, mas também inaugurou uma nova era de disseminação cultural na região, estimulando a produção e circulação de obras literárias, incluindo os romances que se tornaram populares entre a população local. De acordo com o mesmo autor, o Maranhão chegou a superar até mesmo, a capital do Rio de Janeiro, que tinha seu foco maior na disputa de territórios pela publicação de jornais e pesquisas, que chegou a alcançar um alto padrão de qualidade e estética, que chamava a atenção das mais diversas edições provinciais.

5. AS BARREIRAS ENFRENTADAS PELAS MULHERES NA LITERATURA DO SÉCULO XIX.

No capítulo "Escritoras, Escritas, Escrituras" do livro "História das Mulheres no Brasil", Norma Telles aborda a condição das mulheres no século XIX, destacando sua exclusão social e limitações significativas. Segundo a autora, as mulheres eram impedidas de participar ativamente na sociedade, ocupar cargos públicos, garantir sua própria subsistência dignamente, e até mesmo tinham restrições ao acesso à educação superior. "Elas eram frequentemente confinadas dentro de suas residências - seja sobrados, mocambos ou senzalas - construídos por seus pais, maridos ou senhores" (TELLES, 2020, p. 408).

Além dessas restrições físicas, Telles aponta que as mulheres eram também limitadas pela narrativa masculina dominante na arte e na ficção. "Tanto na vida real quanto nas representações artísticas, as mulheres eram ensinadas a se conformar com um papel que não tinham escolhido para si mesmas". (TELLES, 2020, p. 408). Segundo a historiadora, no século XIX, as mulheres aprendiam a ser submissas e a se ajustar a um padrão de comportamento que não refletia suas próprias vozes ou vontades.

A análise de Norma Telles destaca como as mulheres do século XIX enfrentavam não apenas barreiras físicas e sociais, mas também restrições culturais impostas pela sociedade patriarcal da época. Através de sua obra, Telles ressalta a importância de compreender não apenas as condições materiais das mulheres, mas também os constrangimentos simbólicos que limitavam suas possibilidades de expressão e participação plena na vida pública e cultural. Assim, se quisermos saber por que, num determinado momento, as mulheres fizeram isto ou aquilo, por que não escreveram nada, por um lado, e por que, por outro, escreveram obras-primas, é extremamente difícil dizer (WOOLF, 2019, p. 10). As leis e costumes, é claro, foram em grande parte responsáveis por essas estranhas intermitências de silêncio e fala (WOOLF, 2019, p. 11). Para poder tornar-se criadora, a mulher teria de matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho de aumento, e teria de enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia ou da desobediência (TELLES, 2020, p. 408).

Segundo esse mesmo viés, Gerda Lerner (2021), apresenta uma ideia central sobre a condição histórica das mulheres pensadoras anterior ao século XIX, que segundo a autora, ao longo da história, essas mulheres enfrentaram uma escolha difícil entre aceitar passivamente as normas patriarcais ou desafiá-las ativamente. Aquelas que optaram pela rebelião tiveram que enfrentar consequências significativas para defender suas ideias e

desenvolver seu pensamento abstrato. Lerner argumenta que, na maioria das vezes, essas mulheres foram marginalizadas pela sociedade, rotuladas como "desviantes", o que dificultou sua capacidade de generalizar suas experiências para outros contextos e de obter reconhecimento e validação por suas contribuições intelectuais (LERNER, 2021, p. 275).

Indo ao encontro às ideias de Gerda Lerner, Pierre Bourdieu (2022) argumenta que a aprovação e a influência essenciais para as mulheres tinham suas bases sustentadas em três instâncias principais: na igreja, na família e nas instituições educacionais. Segundo o autor, essas instâncias atuavam de maneira objetiva e coordenada, exercendo impacto sobre as estruturas inconscientes. Cada uma delas, de acordo com Bourdieu (2022, p. 140), operava dentro do pressuposto de sua dominação na organização social em que se inseria.

É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à igreja, marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência, sobretudo em matéria de trajes, e a reproduzir do alto de sua sabedoria, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade, ela inculca (ou inculcava) explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres. Ela age, além disso, de maneira mais indireta, sobre as estruturas históricas do inconsciente, por meio sobretudo da simbologia dos textos sagrados, da liturgia e até do espaço e do tempo religiosos (marcado pela correspondência entre a estrutura do ano litúrgico e a do ano agrário). Em certas épocas, ela chegou a basear-se em um sistema de oposições éticas que correspondia a um modelo cosmológico para justificar a hierarquia no seio da família- monarquia de direito divino baseada na autoridade do pai - e para impor uma visão do mundo social e do lugar que aí cabe à mulher por meio de uma verdadeira "propaganda iconográfica". Por fim, a escola, mesmo quando já liberta da tutela da igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal (baseada na homologia entre a relação homem/ mulher e a relação adulto/ criança) e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes escolas ou as diferentes faculdades, entre as disciplinas ("moles" ou "duras"— ou, mais próximas da inquietação mítica original, "ressecantes"), entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações, em suma, tudo aquilo que contribui para traçar não só os destinos sociais como também a intimidade das imagens de si mesmo (BOURDIEU, 2022, pp. 141, 142).

Esse formato social, trazido pelo autor, organiza as ideias de forma clara e sequencial, seguindo a citação e expandindo o entendimento do que Bourdieu discute sobre as estruturas de influência e aprovação nas esferas da igreja, família e instituição escolar.

No mesmo contexto histórico, Gerda Lerner em seu livro "A Criação da Consciência Feminina" (2022), a luta das mulheres pelo reconhecimento literário remonta a períodos anteriores ao século XIX. Mulheres talentosas, tanto de classes abastadas quanto comuns, foram sistematicamente apagadas e forçadas ao anonimato, eclipsadas pelos homens sempre que ousavam buscar uma vida independente do sistema vigente na época. Lerner destaca um exemplo emblemático dessa repressão: "Uma espécie de preço por sua audácia de pensar e escrever foi cobrado de uma certa Guadairença, esposa do trovador Raimon de Miraval" (LERNER, 2022, p. 53).

[...] Disse à mulher que não queria uma esposa que escrevesse poesia; um trovador na casa era o suficiente; ela deveria se preparar para voltar para a casa de seu pai, porque ele não a considerava mais sua esposa". "O que aconteceu com o poeta ofendido, não sabemos. O que sabemos é que nenhum dos poemas dela sobreviveu". (LERNER, 2022, p. 53).

A citação ilustra um exemplo histórico ou fictício de uma mulher cujo marido desaprovava sua expressão poética, considerando-a inadequada para o papel de esposa. A atitude do marido revela uma visão patriarcal e limitante, onde ele impõe expectativas rígidas sobre como sua esposa deve se comportar e quais interesses ela deve ter. Ao rejeitar a poesia dela e ordenar que ela retorne à casa paterna, ele não apenas diminui a autonomia e a individualidade dela, mas também suprime sua liberdade criativa e expressiva.

O comentário sobre a falta de sobrevivência dos poemas dela pode sugerir não apenas a perda física dos escritos, mas também uma perda cultural e histórica mais ampla. Isso levanta questões sobre o apagamento histórico das contribuições das mulheres na literatura e na arte, especialmente quando suas vozes são silenciadas ou desencorajadas.

Além disso, a figura do "trovador na casa" mencionada pode indicar uma preferência pela poesia masculina tradicional ou uma aceitação limitada de expressão poética feminina dentro do contexto doméstico. Esse tipo de atitude histórica destaca a luta contínua das mulheres para serem reconhecidas como criadoras e intelectuais em seus próprios direitos, sem serem subjugadas às normas e expectativas impostas pelo patriarcado.

Em suma, a citação servirá como um lembrete da importância de reconhecer e valorizar as vozes e expressões criativas das mulheres, além de questionar as estruturas que historicamente as têm reprimido.

Gerda Lerner (2022) destaca que outra figura igualmente censurada e privada de seus talentos e aspirações futuras foi irmã Juana Inés de la Cruz, uma mexicana nascida

entre 1651 e 1695, que mesmo permanecendo solteira, segundo a autora, foi impedida de seguir sua carreira como escritora. Como apontado por Lerner, a vida de irmã Juana foi marcada por uma luta contínua pela independência pessoal e pela preservação de seu talento artístico, mas no final foi persuadida a renunciar completamente à sua obra literária.

Segundo a autora, irmã Juana Inés de la Cruz, chegou até a questionar suas próprias convicções sob a pressão da sociedade, e posteriormente da igreja, que a levou a abandonar sua posição como dama de companhia da esposa do vice-rei para se tornar freira (LERNER, 2022, p. 57).

Na mesma linha, Virginia Woolf enfatiza que a rejeição dos trabalhos femininos ocorria principalmente porque estes não se adequavam ao sistema patriarcalista da época. Ou seja, uma mulher pensante era considerada extremamente fora de contexto. Ela não era levada a sério por não pensar como um homem, por não possuir a mesma "força" considerada característica masculina. Sua visão era frequentemente vista como distorcida e infantil, e a ideia de se posicionar como criadora e pensadora era completamente inaceitável. Assim, as mulheres enfrentavam não apenas o desafio de produzir obras de qualidade, mas também de superar preconceitos arraigados que as desconsideravam como intelectuais sérias.

[...] É provável, no entanto que, quer na vida, quer na arte, os valores de uma mulher não sejam os mesmos de um homem. Assim, quando se põe a escrever um romance, uma mulher constata que está querendo incessantemente alterar os valores estabelecidos – querendo tornar sério o que parece insignificante a um homem, e banal o que para ele é importante. Por isso é claro, ela será criticada; porque o crítico do sexo oposto ficará surpreso e intrigado de verdade com uma tentativa de alterar a atual escala de valores, vendo nisso não só uma diferença de visão, mas também uma visão fraca, ou banal, ou sentimental, por não ser igual à dele. (WOOLF, 2019, p. 15)

Virginia Woolf, neste trecho, aborda a questão da diferença de valores entre homens e mulheres na vida e na arte, especialmente no contexto da criação literária. Ela sugere que as mulheres, ao escreverem, muitas vezes desafiam ou subvertem os valores estabelecidos pela perspectiva masculina dominante. Ao tentar dar importância a aspectos que os homens podem considerar insignificantes e, ao contrário, considerar banais temas que eles valorizam profundamente, as escritoras enfrentam críticas.

Woolf aponta que os críticos do sexo oposto tendem a ficar surpresos e desconcertados com essas tentativas de redefinir a escala de valores predominante. Eles não apenas veem isso como uma diferença de visão, mas também podem interpretar essa

nova perspectiva como fraca, banal ou sentimental, simplesmente porque ela não se alinha com a visão masculina convencional.

Essa passagem é crucial para entender o desafio enfrentado pelas mulheres na literatura e nas artes, onde suas tentativas de mudar ou ampliar o foco dos temas abordados são muitas vezes mal compreendidas ou menosprezadas. Woolf, conhecida por sua crítica à exclusão das mulheres da história literária e intelectual, aqui destaca como a visão feminina pode ser marginalizada e julgada com base em parâmetros estabelecidos por uma visão predominantemente masculina do mundo.

Segundo Virgínia Woolf (2018), a dificuldade enfrentada pelas mulheres na escrita envolvia ainda três aspectos fundamentais: estímulo, dinheiro e tempo. Lerner e Bourdieu oferecem uma perspectiva histórica que explica essas dificuldades, evidenciando como ocorriam ao longo do tempo.

Segundo Lerner (2022), “quando a educação se institucionaliza, para atender às necessidades das elites — sejam elas militares, religiosas ou políticas — buscando assegurar sua posição de poder na sociedade, a mulher por sua vez, ficou de fora”. (LERNER, 2022, p. 45). Ainda segundo a autora, sempre que isso aconteceu, do âmbito histórico, as mulheres foram discriminadas e excluídas desde o início de cada sistema. (LERNER, 2022, p. 45). Esse fator histórico explica a falta de estímulo apontada por Virgínia Woolf, que era essencial para que a mulher desenvolvesse um pensamento crítico sobre sua posição na sociedade, o que, por sua vez, permitiria uma maior participação no campo literário.

Gerda Lerner destaca também que a "divisão sexual do trabalho" constitui um grande divisor econômico e social. Segundo a autora, essa divisão resultou “no aumento da responsabilidade das mulheres pelos serviços domésticos e pelos cuidados com os filhos. E esclarece, que esta realidade livrou os homens dos detalhes mais incômodos das atividades diárias de sobrevivência, enquanto sobrecarrega desproporcionalmente as mulheres”.

Com isso, “as mulheres tinham menos tempo livre e, acima de tudo, menos tempo sem interrupção para refletir, pensar e escrever”. (LERNER, 2022, p. 32).

É importante destacar que as mulheres não apenas dispunham de menos tempo, devido ao trabalho manual pesado, mas também enfrentavam a realidade de que este trabalho não era remunerado, conforme explicado por Pierre Bourdieu. Para o autor, a ausência de uma retribuição contribuiu para a desvalorização do trabalho doméstico, inclusive aos olhos das próprias mulheres. "Não tendo o trabalho doméstico valor de mercado, este fosse sem importância e pudesse ser dado sem contrapartida, e sem limites

primeiro aos membros da família, e sobretudo às crianças e às próprias mulheres" (BOURDIEU, 2022, p. 161).

Embora as mulheres desejassem participar de um contexto social distinto daquele em que estavam inseridas, não poderiam fazê-lo, pois estavam sujeitas à marginalização generalizada, conforme explicado por Bourdieu.

Excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especialmente dos econômicos, as mulheres foram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas à reprodução biológica e social da descendência; atividades (principalmente maternas) que, mesmo quando aparentemente reconhecidas e por vezes ritualmente celebradas, só o são realmente enquanto permanecem subordinadas às atividades de produção, as únicas que recebem uma verdadeira sanção econômica e social, e organizadas em relação aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens. (BOURDIEU, 2022, p.159 a 160).

Essa análise de Bourdieu evidencia como a estrutura social historicamente atribuiu às mulheres um papel secundário, confinando-as ao âmbito privado da família e limitando seu acesso e influência nos espaços públicos e econômicos. Além disso, ressalta como as atividades tradicionalmente associadas às mulheres, como a maternidade, foram desvalorizadas quando comparadas às atividades produtivas e econômicas dominadas pelos homens.

Portanto, Bourdieu critica essa ordem social que perpetua a subordinação das mulheres ao não reconhecer plenamente suas contribuições, especialmente no que diz respeito ao trabalho doméstico e à maternidade, que são fundamentais para a reprodução da sociedade, mas frequentemente subjugados em relação às atividades econômicas e políticas dominadas por homens.

Assim sendo, o autor busca explicar que, sendo o trabalho doméstico uma função desprestigiada e não remunerada, não necessariamente era uma atribuição masculina. Além disso, era uma prática exclusivamente feminina na visão patriarcalista, fator que pode ter sido um dos grandes causadores de a mulher estar sempre à margem do meio cultural, social e econômico. Portanto, a desvalorização econômica do trabalho feminino levou muitas mulheres a enfrentarem dificuldades para se sustentar e a aspirar a um futuro que fosse diferente daquele imposto pela sociedade.

Nesse mesmo viés, Gerda Lerner (2022), ainda pontua que a participação das mulheres como escritoras antes do reconhecimento de sua capacidade de serem pensadoras autônomas no discurso público, historicamente situado no século XVII era marcado por desafios significativos.

Primeiramente, elas enfrentavam a necessidade de garantir que fossem reconhecidas como autoras de seus próprios trabalhos. Em uma sociedade predominantemente patriarcal, isso implicava superar a percepção de que suas ideias eram meramente reflexos dos pensamentos masculinos predominantes. Além disso, elas precisavam reivindicar o direito ao seu próprio pensamento, distinto das influências de mentores e antecessores masculinos.

Outro obstáculo crucial era o reconhecimento de que o pensamento das mulheres poderia emergir de uma experiência e um entendimento diferentes, muitas vezes baseados em realidades e perspectivas que não eram consideradas válidas ou pertinentes pelo cânone estabelecido. Somente após remover essas barreiras, as vozes das escritoras poderiam ser efetivamente ouvidas e valorizadas dentro do discurso público.

Ainda segundo a mesma autora, apesar dos avanços graduais proporcionados pelo acesso crescente à educação formal, as mulheres que se aventuravam no mundo das letras ainda enfrentavam enormes desafios para encontrar e cultivar públicos receptivos para seus trabalhos recorrendo aos meios mais acessíveis como as revistas voltadas para a escrita feminina.

Nesse contexto, conforme observado por Carvalho (2018) e complementando a análise de Gerda Lerner, o autor argumenta que revistas e jornais desempenhavam um papel crucial nesse processo. Esses veículos de comunicação eram os principais meios pelos quais as mulheres podiam compartilhar e difundir aquilo que aprendiam e escreviam.

Essa dinâmica de entrada tímida das mulheres no mundo literário reflete não apenas a luta por reconhecimento e autonomia intelectual, mas também a persistência na criação de espaços onde suas vozes pudessem ser legitimamente ouvidas. Esses esforços não se limitavam apenas à expressão individual, mas também à construção de uma presença coletiva capaz de desafiar e enriquecer o panorama cultural dominante.

Portanto, Carvalho e Lerner discutem como as revistas femininas foram criadas como espaços para publicações de cunho feminino. Contudo, muitas vezes essa proposta não se concretizava na prática. Um exemplo representativo dessa problemática pode ser observado na novela "O Cravo e a Rosa" interpretada pela atriz Adriana Esteves.

Ao tentar publicar um texto que considerava importante sobre os direitos da mulher, Catarina não obteve o êxito desejado, pois sua contribuição foi distorcida pelo jornalista Serafim, que a adaptou para se adequar aos padrões sociais masculinos.

A novela, ambientada em uma época específica, revela traços históricos que ilustram como esses espaços operavam na prática. Embora a revista presente na novela

fosse voltada para o público feminino, sua administração era liderada por um homem, o que representa uma incoerência significativa. Essa dinâmica pode ser interpretada como um reflexo do silenciamento das vozes femininas, que revela as tensões de gênero na cultura patriarcal da época. Esse aspecto é amplamente evidenciado na obra de Walcyr Carrasco, exibida pela Globo.

Esse episódio revela como as mulheres frequentemente enfrentavam barreiras em sua busca por expressão e autonomia. Assim, a intenção original das revistas femininas, que visavam ser espaços de voz e empoderamento para as mulheres, esbarrava em uma realidade marcada pela censura e pela reinterpretação de suas ideias. Essa dinâmica ilustra os desafios enfrentados pelas mulheres na luta por reconhecimento e legitimidade em um contexto dominado por vozes masculinas.

Em suma, o processo de inserção das mulheres como escritoras, como se pode ver, não se restringia apenas ao acesso à educação formal, mas também à conquista de espaços de visibilidade e reconhecimento dentro de um contexto histórico profundamente patriarcal e restritivo.

Pierre Bourdieu (2022) destaca que, mesmo no século XXI, essa realidade para a mulher não mudou muito. Ainda seguem os mesmos padrões e expectativas do patriarcalismo, principalmente no âmbito profissional.

[...] Assim, em cada nível apesar dos efeitos de uma superseleção, a igualdade formal entre os homens e as mulheres tende a dissimular que, sendo as coisas em tudo iguais, as mulheres ocupam sempre as posições menos favorecidas. Por exemplo, sendo embora verdade que as mulheres estão cada vez mais representadas em funções públicas, são sempre as posições mais baixas e mais precárias que lhes são reservadas (elas são particularmente numerosas entre as não tituladas e os agentes de tempo parcial, e, na administração local, por exemplo, veem ser-lhes atribuídas posições subalternas e ancilares, de assistência e cuidados – mulheres da limpeza, merendeiras, crecheiras etc.). A melhor prova das incertezas do estatuto atribuído às mulheres no mercado de trabalho reside, sem dúvida, no fato de que elas têm sempre remuneração mais baixa que os homens, e mesmo quando todas as coisas são em tudo iguais, elas obtêm cargos menos elevados com os mesmos diplomas e, sobretudo, são mais atingidas, proporcionalmente, pelo desemprego, pela precariedade de empregos, e relegadas com mais facilidade a cargos de trabalho em horário parcial – o que tem, entre outros efeitos, o de excluí-las quase que infalivelmente dos jogos de poder e das perspectivas de carreira. (BOURDIEU, pp. 151 a 152).

Nesta citação, Bourdieu argumenta que, apesar dos esforços para promover a igualdade formal entre homens e mulheres, as mulheres frequentemente acabam ocupando posições menos favorecidas. Isso ocorre mesmo quando elas estão presentes em números crescentes em funções públicas, pois muitas vezes são direcionadas para

posições de menor status e mais precárias, como trabalhos não titulados, agentes de tempo parcial, ou funções subalternas na administração local.

Um dos pontos centrais do texto é a constatação de que as mulheres geralmente recebem salários mais baixos do que os homens, mesmo quando possuem qualificações semelhantes. Isso reflete não apenas uma questão de discriminação direta, mas também a tendência de mulheres serem mais afetadas pelo desemprego, pela precariedade do emprego e pela exclusão de cargos de poder e oportunidades de carreira.

Bourdieu destaca que as mulheres são mais propensas a serem relegadas a trabalhos em horário parcial, o que não apenas limita suas oportunidades de ascensão profissional, mas também as exclui dos círculos de poder e influência dentro das organizações.

O autor utiliza uma abordagem crítica para mostrar como a suposta igualdade formal muitas vezes mascara a persistência de desigualdades estruturais profundas. Apesar de avanços legislativos e sociais em favor da igualdade de gênero, as mulheres continuam enfrentando barreiras significativas que limitam suas oportunidades econômicas e profissionais.

Portanto, Bourdieu enfatiza sobre a necessidade de políticas e práticas que não apenas promovam a igualdade formal, mas também abordem as desigualdades estruturais arraigadas que perpetuam a marginalização das mulheres no mercado de trabalho.

6. MARIA FIRMINA DOS REIS: UMA PIONEIRA ESQUECIDA

A escritora Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, capital do Maranhão, no dia 11 de outubro de 1825, conforme registrado por Gomes (2022, p. 85). No entanto, Adler em seu artigo (2018, p. 03) indica que 1825 é, na verdade, o ano de seu batismo, sendo sua data de nascimento oficialmente 11 de março de 1822, conforme documentado nos Autos de Justificação Legal.

Conhecida pela família como “Diliquinha”, é uma figura notável na história brasileira. (FURTADO,2017, p.10). “Filha bastarda, neta de escrava e filha de escrava alforriada, cresceu em um ambiente predominantemente feminino dentro de sua família. Mais tarde, foi registrada por João Pedro Esteves”, conforme indicado por Furtado (2017, p. 10).

Segundo Gomes (2022), ela nunca se casou, e todos os filhos que teve eram considerados filhos socioafetivos. Muitos deles eram escravos de sua mãe, Leonor. Maria Firmina dos Reis foi uma figura multifacetada do século XIX, atuando não apenas como professora de primeiras letras, mas também como romancista, poetisa, cronista, contista, musicista e ativista da cultura popular maranhense conforme descrito por Gomes (2022, p. 39). Além disso, ela é reconhecida como a primeira mulher negra a escrever um romance no Brasil, abordando temas abolicionistas em suas obras. Enquanto Castro Alves só publicaria o poema "Navio Negreiro" em 1869 e "A Escrava Isaura" de Bernardo Guimarães só é lançado em 1875 (REIS, 2020, p. 11), dos Reis já havia deixado sua marca na literatura brasileira com "Úrsula", originalmente publicado em 1859 pela Typographia do Progresso em São Luís e reeditado em 1975 pela Gráfica Olímpica no Rio de Janeiro (FURTADO, 2017, p. 13).

De acordo com o mesmo autor, além de "Úrsula", Maria Firmina dos Reis também escreveu "Gupeva", um romance indianista que foi serializado em jornais entre 1861 e 1863. Em 1871, publicou a coletânea de poemas "Cantos à Beira-Mar" pela Tipografia do jornal O Paiz. Posteriormente, lançou a obra "A Escrava", pela Revista Maranhense, em novembro de 1887, a qual denuncia as cruéis práticas da escravidão. Entre fevereiro e março de 1862, publicou sob a forma de folhetim "Elvira", um romance contemporâneo, para o jornal A Verdadeira Marmota. Escrito em forma rimada, é um dos primeiros escritos por uma mulher no gênero de cordel (FURTADO, 2017, p. 13). “Ao longo de sua vida, Maria Firmina dos Reis enfrentou desafios como a catarata ocular, o que a levou a se concentrar mais na poesia do que na prosa em seus últimos anos”. (Furtado, 2017, p. 18). Ela faleceu aos 92 anos, em 11 de novembro de 1917 (Furtado, 2017, p. 19).

Em suas obras, Maria Firmina dos Reis não apenas explorou temas sociais e abolicionistas, mas também contribuiu significativamente para a literatura brasileira, destacando-se como uma das vozes pioneiras na luta contra a escravidão e pela igualdade racial.

6.1. Uma voz feminina na literatura maranhense no século XIX

Para Joan Botelho (2019), é possível afirmar que no século XIX poucas mulheres conseguiram se destacar diante da sociedade machista do período patriarcal. Excluídas e reprimidas, enfrentavam dificuldades para competir em um mundo social hegemônico pelos homens. No entanto, o autor destaca que, trazendo essa reflexão para uma realidade mais específica, houve exceções notáveis no contexto histórico do estado do Maranhão durante o mesmo período.

De acordo com Botelho (2019, p. 190), Ana Jansen bem como Maria Firmina é destacada como uma figura desafiadora em uma sociedade conservadora e machista de sua época. Frequentemente distorcida, é erroneamente retratada como uma mulher perversa e trapaceira, desprovida dos "dotes femininos" esperados. Além dela, o autor também menciona Catarina Mina, uma escrava cujo papel histórico é significativo, e Maria Firmina dos Reis, reconhecida escritora. Essas mulheres são exemplos de figuras que romperam com estereótipos e contribuíram para a desconstrução de narrativas preconceituosas e limitadoras sobre o papel da mulher na sociedade.

Maria Firmina por sua vez, mesmo com todo seu aporte intelectual nas palavras do autor, essa escritora não constava no rol de intelectuais do século XIX do estado do Maranhão por ser mulher, o que a levou muitas vezes a escrever sob pseudônimo masculino. (BOTELHO, 2019, p. 190).

O trecho citado destaca a condição de Maria Firmina dos Reis, uma escritora cujo talento intelectual era notável, mas que enfrentava obstáculos significativos devido ao seu gênero. No século XIX, não apenas no estado do Maranhão, como também em todo o hemisfério, ser reconhecida como intelectual era uma prerrogativa unicamente masculina, o que possivelmente obrigou Maria Firmina a adotar pseudônimos masculinos em suas obras como cita o autor. Essa estratégia não era incomum entre mulheres escritoras da época, que buscavam driblar as barreiras impostas pela sociedade patriarcal.

O exemplo que claramente ilustra essa dinâmica ocorre na série "Bridgerton", produzida pela Netflix. No enredo de "Bridgerton", Penélope assume o pseudônimo "Lady Whistledown" para criticar anonimamente a sociedade de Londres. Esse anonimato

lhe proporciona liberdade para expor verdades e hipocrisias, mas ela enfrenta dilemas éticos sobre suas responsabilidades. Eventualmente, revela sua identidade, assumindo as consequências de suas ações. Esse enredo destaca como o anonimato pode proteger e desafiar normas sociais, refletindo um conflito entre liberdade de expressão e responsabilidade. Similarmente, Maria Firmina, ao escrever sob pseudônimo masculino, desafiava normas sociais, buscando reconhecimento por suas ideias.

Para Carvalho (2018), no período em que Maria Firmina dos Reis atuou, a escrita feminina não era considerada uma atividade apropriada para mulheres. Em muitos lugares e contextos da época, aquelas que se aventuravam nessa atividade enfrentavam críticas severas e até ataques. Além disso, eram frequentemente rotuladas de maneira negativa pela sociedade, especialmente se aspirassem a uma carreira pública como escritoras.

Assim, escrever no século XIX, para as mulheres, poderia significar uma afronta ao funcionamento da sociedade, marcada pela figura do homem em atividades intelectuais e a mulher nas atividades domésticas. Na atividade da escrita, aos homens era importante tratar de questões filosóficas e sociais, enquanto às mulheres, quando lhe era permitido ler e escrever, estavam destinadas apenas aos temas pouco ligados ao convívio social. A participação na imprensa, igualmente, era mais aceita para os homens, apesar da existência de jornais destinados ao público feminino, alguns dedicados a reafirmar a cultura patriarcal, e outros permeados pela questão educacional e reflexões acerca do papel da mulher, afirmando um desejo de emancipação, que somente mais tarde teria eco expressivo. (CARVALHO, 2018, p. 257).

A citação oferece uma visão crítica sobre o papel das mulheres na sociedade do século XIX, especialmente no contexto da escrita e da imprensa. Naquele período, as mulheres enfrentavam barreiras significativas para se envolverem em atividades intelectuais, como escrever e participar ativamente na imprensa. A sociedade estava fortemente estruturada em torno de uma divisão de gênero rígida, onde os homens eram vistos como os protagonistas das esferas intelectuais e públicas, enquanto às mulheres eram relegadas funções domésticas e um espaço restrito na esfera pública.

A citação destaca que a escrita, quando permitida para mulheres, frequentemente se restringia a temas considerados adequados para o "sexo frágil", como assuntos relacionados ao lar e ao cotidiano, e não às questões filosóficas ou sociais mais amplas que eram dominadas pelos homens. Além disso, mesmo quando as mulheres conseguiam acessar espaços de publicação, como jornais voltados para o público feminino, estes muitas vezes reforçavam a cultura patriarcal ao invés de desafiá-la.

Entretanto, a citação também aponta para um movimento incipiente de emancipação feminina, onde algumas publicações femininas começavam a abordar temas educacionais e reflexões sobre o papel da mulher na sociedade. Esses espaços foram importantes para o surgimento de um desejo crescente de mudança e para o início de um debate que eventualmente ganharia força nos movimentos de emancipação feminina posteriores.

Portanto, a citação não apenas destaca as restrições enfrentadas pelas mulheres no século XIX, mas também os primeiros sinais de resistência e de busca por uma participação mais igualitária e significativa na esfera pública e intelectual.

Em Rilza Rodrigues Toledo, na Introdução de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis: arma de combate marcando a presença da mulher escritora na literatura brasileira in *Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora* (2018), diz que a “estratégia discursiva de fazer da escrita literária uma possibilidade de dar voz para os antepassados é usada pela autora em *Úrsula*. Abrindo espaço para que uma personagem secundária possa assumir uma focalização retratando a questão da escravidão sob o ponto de vista dos próprios escravos.

A mesma autora informa que em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis aborda a temática da escravidão de uma forma inovadora. Através da obra literária, a autora teve uma atitude política de denúncia das injustiças vividas na sociedade patriarcal brasileira do século XIX, principalmente pelas mulheres e pelos escravos”.

Indo na contramão de uma literatura que se concretiza como projeto de Estado - projeto político de construção do sentido de nação e identidade, de aculturação e domínio, e, desta maneira, relativo às questões sociais no campo dos direitos- Firmina incorpora à forma do romantismo um discurso corrosivo, e acaba por inocular no bojo da nação, não apenas o europeu e o indígena, mas o afro-brasileiro, além de evidenciar o jugo a que mulheres estão submetidas dentro do sistema patriarcal. No romance, os personagens pretos não estão apenas expostos como elementos meramente pictóricos de fundo de quadro, que servem para compor a diegese² da cena branca com ares de tropical, e que porta, evidentemente, certo tipo de enquadramento, a fim de direcionar o olhar de quem o observa. O sujeito preto na escrita de Firmina não é exposto como objeto de uso, força de trabalho ou como “mercadoria humana”, mas como personagem da narrativa, no complexo de suas subjetividades. Da mesma forma, as mulheres aparecem como um pilar do sistema opressor que sustenta a sociedade servil. (GONZALEZ, 2022, p. 28)

Gonzalez destaca que a literatura brasileira do século XIX, o romantismo frequentemente serviu como um veículo para promover um projeto político de construção

² **Diegese** - [Literatura] Extensão da ficção dentro de uma narrativa; refere-se à parte que, dentro da narrativa, é fruto da imaginação ou da invenção do autor, não possuindo correspondência com a realidade do mundo, compondo a realidade da própria narrativa. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/diegese/>> Acesso em 01 de jan.2023.

de identidade nacional. Isso incluía a valorização de elementos europeus e indígenas, muitas vezes sob uma lente exótica e idealizada. Essa perspectiva ignorava ou marginalizava a presença e as experiências dos afro-brasileiros.

Para a autora, Maria Firmina dos Reis se destaca por subverter essa tendência dominante. Em suas obras, ela não apenas incorpora elementos do romantismo, mas também introduz um "discurso corrosivo". Isso significa que sua escrita questiona e desafia o status quo, expondo e criticando as estruturas de poder e opressão.

Ao contrário da representação superficial e estereotipada dos personagens negros como meros adornos ou figuras secundárias na literatura da época, Firmina dos Reis os coloca como protagonistas de suas narrativas. Eles são desenvolvidos como indivíduos complexos, dotados de subjetividade própria, e não simplesmente como elementos decorativos para enriquecer a ambientação exótica da cena.

Maria Firmina dos Reis também aborda criticamente a posição das mulheres dentro do sistema patriarcal da sociedade brasileira do século XIX. Ela as apresenta não apenas como vítimas passivas, mas como agentes que sustentam o sistema opressor. Isso revela sua preocupação em expor as dinâmicas de poder e controle que moldavam a vida das mulheres naquela época.

Para Gonzales O trabalho de Maria Firmina dos Reis é crucial não apenas como uma contribuição literária significativa, mas também como um esforço para incluir vozes marginalizadas e subverter narrativas dominantes. Ao inserir personagens afro-brasileiros como sujeitos ativos e complexos, e ao criticar o patriarcado, ela contribui para uma visão mais inclusiva e crítica da sociedade brasileira.

Em suma, o comentário sobre a citação destaca como Maria Firmina dos Reis se diferencia da literatura de sua época ao abordar questões sociais e de identidade de maneira mais crítica e inclusiva, desafiando as normas estabelecidas pela literatura dominante do romantismo brasileiro do século XIX.

Norma Telles (2020) discute como, até dez anos antes da publicação do romance "Úrsula", a representação do negro na literatura brasileira era marginalizada, comparada à de um "cão fiel" (p. 414). Segundo Telles, essa imagem começou a ser contestada em 1869 com a publicação de "Vítimas e algozes" por Macedo, onde os escravos são descritos como agentes de perdição, utilizando feitiços e tramas sinistras contra suas famílias senhoriais aparentemente ingênuas e gentis. Telles (2020) expõe que a visão de Macedo sobre os negros revela como eram vistos pela sociedade do século XIX: não como cidadãos dignos de respeito, mas como ameaças disfarçadas prontas para trair a confiança dos brancos. Essa representação, segundo a autora, descreve os escravos não

mais como fiéis, mas como serpentes traiçoeiras, uma "erva daninha" que sufoca a sociedade, marcando um período de discriminação e desconfiança generalizada em relação aos negros como se pode observar na citação de Macedo:

Mais de uma vez parentes e amigos de Domingos Caetano e Angélica disseram a um ou outro, mostrando Simeão: – Estão criando um inimigo: a regra não falha. E Domingos respondia: – Coitado! Ele é tão bom! E Angélica dizia sorrindo-se: É impossível que nos seja ingrato. – Ainda não houve um que o não fosse! [...] Fora absurdo pretender que a ingratidão às vezes até profundamente perversa dos crioulos amorosamente criados por seus senhores é neles inata ou condição natural da sua raça: a fonte do mal, que é mais negra do que a cor desses infelizes, é a escravidão, a consciência desse estado violenta e barbaramente imposto, estado lúgubre, revoltante, condição ignóbil, mãe do ódio, pústula encerradora de raiva, pantanal dos vícios mais torpes que degeneram, infeccionam, e tornam perverso o coração da vítima, o coração do escravo. [...] O feitiço, como a sífilis, veio d'África. Ainda nisto o escravo africano, sem o pensar, vingá-se da violência tremenda da escravidão. O escravo africano é o rei do feitiço. Ele o trouxe para o Brasil como o levou para quantas colônias o mandaram comprar, apanhar, surpreender, caçar em seus bosques e em suas aldeias selvagens da pátria. [...] O gérmen lançado superabundante no solo desenvolveu-se, a planta cresceu, floresceu e frutificou: os frutos foram quase todos venenosos. Um corrompeu a língua falada pelos senhores. Outro corrompeu os costumes e abriu fontes de desmoralização. Ainda outro corrompeu as santas crenças religiosas do povo, introduzindo nelas ilusões infantis, ideias absurdas e terrores quiméricos. (MACEDO, 1869, pp. 5, 37).

O trecho de Macedo revela a intersecção entre a experiência da escravidão e a formação de identidades sociais e culturais no Brasil. A ingratidão atribuída aos escravizados é desmistificada, apresentando a escravidão como a verdadeira raiz do ressentimento, contrapondo as ideias preconcebidas sobre a natureza dos indivíduos. A metáfora da planta que gera frutos venenosos sugere que os efeitos corrosivos da opressão permeiam a sociedade, afetando tanto os oprimidos quanto os opressores. O conceito de feitiço associado à resistência cultural do africano indica uma forma de resistência simbólica à violência da escravidão. Essa análise aponta para uma crítica mais ampla ao racismo e à desumanização, argumentando que o estado de opressão transforma e corrompe as relações sociais e culturais.

Adicionalmente, pode se interpretar que a ingratidão não é inata aos crioulos (descendentes de africanos nascidos no Brasil), mas é uma resposta à condição de escravidão. É descrita como uma consequência da violência e da imposição brutal do estado de escravo, que gera sentimentos de ódio e revolta. Nesse sentido, a escravidão é vista como uma "condição ignóbil", que corrompe e perverte o coração dos escravizados.

Ao relacionar a escravidão ao feitiço e à sífilis, o autor ilustra como a exploração e o sofrimento impostos aos africanos escravizados retornam de maneiras negativas à sociedade que os escraviza.

Em resumo, a citação de Macedo pode ser analisada como uma crítica contundente à instituição da escravidão no Brasil, destacando como a ingratidão percebida não é uma característica intrínseca aos escravizados, mas uma resposta a um sistema desumano que os subjuguava. Além disso, o texto aponta para a complexidade das consequências sociais e culturais da escravidão, sugerindo que os males introduzidos por esse sistema foram profundos e duradouros na sociedade brasileira.

No entanto, embora "Vítimas e Algozes" de Joaquim Manuel de Macedo possa ser interpretado como uma crítica à sociedade escravista, Telles oferece uma análise adicional que revela o verdadeiro propósito da obra do autor.

Telles argumenta que a narrativa de Macedo, vai além da crítica social, explorando também questões de identidade e resistência cultural na qual explica seu verdadeiro sentido:

A partir de 1870, cresce a presença das personagens negras em livros, na mesma medida em que crescia a ideia de “perigo” “negro” em meio às camadas dominantes do império. O padrão senhoril dos antigos engenhos começava a se distanciar do padrão de valores burgueses dos fazendeiros do café, ligados a uma economia comercial e urbana que preferia o trabalho livre. Divisão rapidamente esquecida, quando, a partir do ano de 1870, cresce a ameaça de rebeliões escravas, assassinatos de proprietários, fugas individuais ou coletivas. (TELLES, 2020, P. 414)

De acordo com Norma Telles, a partir de 1870, houve um aumento na representação de personagens negras na literatura brasileira. Isso reflete uma mudança na percepção social e na maneira como os autores começaram a abordar questões raciais, ainda que muitas vezes estereotipadas ou caricaturais, dadas as visões predominantes da época.

Telles aponta que apesar da abolição da escravidão em 1888, a elite dominante do Brasil imperial continuava a temer as populações negras emancipadas. Observa-se no texto, que essa ansiedade era alimentada por receios de rebeliões, crimes e tensões sociais decorrentes das condições de desigualdade persistentes.

É possível observar na citação de Norma Telles, que o padrão senhorial dos antigos engenhos, fundamentado no trabalho escravo, estava sendo substituído pelo modelo burguês dos fazendeiros do café, que preferiam o trabalho livre e assalariado. Nesse sentido, observa-se que essa transição representava uma mudança econômica significativa, promovendo maior urbanização e comercialização na agricultura.

A autora frisa também, que apesar das transformações econômicas, as divisões sociais entre brancos e negros persistiam de maneiras sutis, refletindo-se tanto na literatura quanto na percepção pública. A ideia de que as tensões raciais poderiam ser rapidamente esquecidas ou mitigadas após a abolição logo foi desafiada pela realidade social.

Nesse contexto, a citação trazida por Telles, revela que o período pós-abolição foi caracterizado por desafios significativos de integração social e econômica para a população negra, que enfrentava discriminação persistente e dificuldades de acesso a direitos básicos – como emprego, educação, moradia e capacitação profissional.

Portanto, a citação de Telles encapsula um momento de transição na história brasileira, onde as tensões raciais e transformações econômicas se entrelaçavam, moldando tanto a literatura quanto as percepções sociais da sociedade patriarcalista colonial brasileira do século XIX.

É fundamental destacar que Norma Telles, ao analisar a obra de Joaquim Manuel de Macedo, revela uma ambiguidade intrínseca que o coloca "em cima do muro". Isso levanta a questão: qual é o verdadeiro propósito do autor? Ele critica a sociedade escravista ou justifica as injustiças sofridas pelos escravos? Nesse sentido, Telles sugere que "Vítimas e Algozes" deixa espaço para diversas interpretações, incluindo a sua visão de que Macedo apela à coesão da elite senhorial, buscando evitar se tornar uma vítima dos algozes, que agora são simbolizados pelos escravos emancipados (TELLES, 2020, p. 414).

Telles exemplifica que sua compreensão mais completa da obra de Maria Firmina dos Reis, de 1859, só foi possível após o contato com "Vítimas e Algozes". Enquanto esta última retrata o negro escravizado de forma desumanizadora e sem direitos à defesa, a obra de Firmina apresenta uma visão mais complexa sobre os africanos, as relações familiares e a posição da mulher na sociedade. Isso levou Telles a refletir não apenas sobre a escravidão no Brasil colonial, mas também sobre as relações de gênero (TELLES, 2020, p. 414).

6.2. A luz da verdade na obra 'Úrsula', de Maria Firmina dos Reis

No capítulo intitulado "Traduzindo Maria Firmina dos Reis: percurso, propostas e desafios", do livro "A mente ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea" (2022), Cristina Ferreira Pinto-Bailey destaca que o romance de Maria Firmina dos Reis oferece ao público leitor uma visão direta da verdade

sobre a escravidão. Essa verdade, segundo a autora, costuma ser apresentada de forma distanciada e amenizada nos livros didáticos e na literatura considerada canônica.

Para Pinto-Bailey, ouvir diretamente dos personagens suas experiências de sofrimento, as torturas infligidas pelos senhores de escravos e o genocídio de milhares de africanos permite uma comunicação direta entre a mensagem do texto e o leitor. Isso inicialmente provoca uma reação emocional, que logo evolui para uma discussão crítica esclarecedora. Essa abordagem é significativamente diferente da reação que ocorre quando a mensagem é filtrada por uma voz narrativa branca hegemônica.

O romance *Úrsula* é um texto fundamentalmente precursor de uma escrita negra em nossa literatura, porque se desenvolve focalizando a experiência negra. A construção da história e das personagens é feita por uma consciência autoral negra, e a estrutura discursiva do romance é arquitetada de maneira a encarar uma complexa tessitura de vozes sociais que marcam a sociedade escravista do século XIX. (CALADO, 2018, p. 211)

O artigo de Almeida Calado (2018) enfatiza que a literatura produzida por autores negros desempenha um papel crucial na afirmação de sua humanidade ao expressar uma conscientização sobre sua própria condição. Essa forma literária se desenvolve pela desconstrução de uma lógica histórica que negou a humanidade dos negros. Em outras palavras, ela emerge com o claro objetivo de romper com um discurso eurocêntrico e com modelos tradicionalmente aceitos que propagaram a ideia da incapacidade dos africanos e seus descendentes em desenvolver sistemas complexos de produção e reflexão.

Ao ressignificar e dar voz a todas as mulheres, Toledo (2018, p. 151) evidencia não apenas a contribuição da literatura afrodescendente na luta pela afirmação da humanidade negra, mas também a invisibilidade histórica da mulher tanto na literatura quanto na busca por direitos políticos e sociais.

Com base na citação observa-se que o texto se concentra na vida e nas experiências dos personagens negros, colocando suas vozes e histórias no centro da narrativa. Isso é crucial, pois durante muito tempo a literatura brasileira negligenciou ou marginalizou essas vozes como aponta Muzart em seu texto.

Ao ler os textos de mulheres negras, nota-se que a dominante é ainda a de literatura de testemunho. A voz negra se inicia, pois, com Maria Firmina dos Reis, na denúncia dos males da escravidão. É ela quem pela primeira vez, na literatura brasileira, dá a voz ao negro. Não é a primeira vez que um autor a inclui escravos negros em sua narrativa, mas é a primeira vez em que os negros têm voz. Essa voz trará uma África desconhecida do branco da Corte, como um continente de liberdade. (MUZART, 2018, p. 33).

Para Muzart, a autoria do romance *Úrsula*, é assumidamente negra, o que significa que a perspectiva e o ponto de vista refletem as vivências e as visões de mundo de uma pessoa negra. Isso é fundamental para uma representação autêntica e empática das experiências negras na literatura.

A forma como o romance é estruturado permite a inclusão e a interação de várias vozes sociais. Isso não apenas enriquece a narrativa, mas também proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais da sociedade escravista do século XIX.

Segundo a mesma autora, ao lidar com uma "complexa tessitura de vozes sociais", o romance aborda não apenas a vida dos personagens principais, mas também incorpora diferentes perspectivas e experiências dentro do contexto social mais amplo da época.

Em resumo, "*Úrsula*" não é apenas um romance que narra a experiência negra, mas também um marco por ser construído a partir de uma consciência autoral negra, proporcionando uma estrutura discursiva que reflete a diversidade e complexidade das vozes sociais na sociedade escravista brasileira do século XIX. Essa abordagem não apenas enriquece a literatura brasileira com uma representação mais inclusiva, mas também ajuda a compor um panorama mais completo e humano da história do país

6.3. O apagamento de Maria Firmina e a descoberta da obra *Úrsula*.

No livro de Agenor Gomes (2022), é destacado que a Academia de Letras formada por doze escritores maranhenses na Biblioteca Pública do Estado do Maranhão omite a presença de Maria Firmina dos Reis, apesar de ela ser reconhecida como a primeira poetisa e romancista do Maranhão. Além de Maria Firmina, nenhuma outra mulher foi incluída entre os fundadores da Academia de Letras (GOMES, 2022, p. 278).

Ao enviar um ofício aos diretores das empresas jornalísticas solicitando a doação de livros, a direção da biblioteca listou os principais escritores maranhenses, mencionando 47 falecidos e 18 vivos (GOMES, 2022, p. 278).

Na sociedade da época, a mulher era vista como tendo capacidade intelectual inferior ao homem, o que a impedia de participar de associações literárias, mesmo que demonstrasse talento artístico (GOMES, 2022, p. 278).

Essas observações de Gomes refletem não apenas a exclusão histórica de figuras femininas importantes, como Maria Firmina dos Reis, mas também evidenciam as

barreiras sociais enfrentadas pelas mulheres na busca por reconhecimento intelectual e literário.

Nesse mesmo contexto, Schmidt (2018), aponta para uma análise crítica das hierarquias culturais e sociais que moldaram o "esquecimento" de obras como *Úrsula* na história literária brasileira. Ela destaca como a construção de uma cultura literária dominada por homens perpetuou a marginalização e a desqualificação das produções femininas, contribuindo para a invisibilidade e a falta de reconhecimento das autoras mulheres ao longo do tempo.

[...] O “esquecimento” de *Úrsula* pode ser compreendido no contexto da história cultural e social brasileira e de suas hierarquias. Assim, o primeiro aspecto a se considerar tem a ver com a questão da autoria, uma vez que a exclusão da mulher da esfera pública do discurso era uma norma social vigente. Em virtude de mecanismos de legitimação de uma cultura literária constituída como um reduto de homens letrados, a autoria feminina foi desqualificada, e os textos subtraídos da memória cultural do país em razão do poder de discursos críticos que, investidos de autoridade até meados do século XX, tinham como hábito definir qualquer texto de mulher como “subliteratura”, “fraco” ou destituído de “valor literário”, o que quer que signifique tal expressão. Tal discurso de descrédito se pautava no consenso, presente no campo social e cultural, sobre o papel da mulher, circunscrito ao espaço doméstico, e sobre seu corpo naturalizado em termos da capacidade biológica reprodutiva. (SCHMIDT, in REIS, 2018, pp. 16 a 17).

A visão predominante na sociedade como se observa no texto, era de que as mulheres deveriam se limitar ao papel doméstico e que sua expressão intelectual deveria ser secundária. Isso resultava na marginalização e na exclusão das obras femininas do cânone literário nacional.

Em resumo, o texto citado por Schmidt evidencia como as hierarquias sociais e culturais no Brasil contribuíram para o "esquecimento" de autoras como Maria Firmina dos Reis, sublinhando a importância de reconhecer e revisar criticamente essas exclusões históricas para uma compreensão mais inclusiva e justa da literatura brasileira.

Nesse contexto, levando em consideração à ressalva feita por Schmidt, sobre a exclusão da autora, é crucial considerar as contribuições de José Nascimento Morais Filho, destacado por Agenor Gomes (2022) como figura fundamental nesse processo. Segundo Gomes, a descoberta da obra *Úrsula* e de Maria Firmina como escritora ocorreu em 1973, graças às pesquisas de Morais Filho nos arquivos da Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís do Maranhão. Esse evento foi crucial para trazer à luz a importância literária de Maria Firmina dos Reis, até então conhecida principalmente por suas composições musicais sob o título de Mestra Régia.

A relevância desse resgate não pode ser subestimada, especialmente considerando o contexto histórico e social da época. Maria Firmina dos Reis não apenas enfrentou o desafio de ser reconhecida como escritora em um ambiente patriarcalista, mas também como uma mulher negra, cujas obras poderiam ter sido facilmente esquecidas e perdidas ao longo do tempo. Como destaca Andrade (2006, p. 265), “sem José Nascimento Morais Filho, conhecido como Zé Morais, incansável explorador de caminhos inexplorados, Maria Firmina dos Reis talvez não tivesse sido resgatada para a posteridade”.

Este resgate é um marco não apenas na história da literatura brasileira, mas também na valorização da contribuição das mulheres e das pessoas negras na cultura e na sociedade brasileira, destacando a importância de revisitar e reconhecer obras que por muito tempo estiveram marginalizadas ou esquecidas.

Além disso, a trajetória de José Nascimento Morais Filho, descrito por Andrade como um "andarilho de trilhas nunca antes percorridas", ilustra a dedicação e o esforço necessários para resgatar e valorizar uma voz literária tão significativa. “Já se haviam passado mais de cem anos da publicação de *Úrsula*, quando Nascimento Moais Filho desembarcou em Guimarães, para pesquisar sobre Maria Firmina dos Reis”. (GOMES, 2022, p. 290).

Assim, a contribuição de Morais Filho não apenas ressuscitou a figura de Maria Firmina dos Reis como escritora, mas também contribuiu significativamente para o reconhecimento de sua importância na literatura não apenas maranhense, mas também globalmente.

No entanto ressuscitar Maria Firmina não seria algo fácil para Morais Filho, visto que se tratava de uma “mulher”, e “Mulher negra”.

[...] lembro bem, foram alvo de zombarias em São Luís: Zé Morais, Maria Firmina e o seu livro *Úrsula*; muitos considerando que era de pouca serventia que Zé Morais dava à sua descoberta. Pelos daqui, Maria Firmina dos Reis deveria permanecer onde se achava: no limbo³. E sua obra sob o tapete. (ANDRADE, 2006, p. 265).

Essa citação reflete uma visão crítica e discriminatória enfrentada por Zé Morais e Maria Firmina dos Reis em São Luís. Zé Morais é conhecido por suas descobertas, e

³**Limbo:** local em que são colocadas coisas sem utilidade; perda de memória; esquecimento; estado do que se encontra esquecido, negligenciado, indefinido; negligência; na religião católica, o limbo consiste em um lugar para onde iam as crianças que morriam sem terem sido batizadas. De acordo com uma antiga doutrina da Igreja católica estas crianças não iam para o céu porque não possuíam graça batismal, mas também não iam para o Inferno porque não tinham pecado pessoal. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/limbo/>> Acesso em 28 de dez. de 2022.

aparentemente foi alvo de zombarias que diminuía a importância de suas contribuições. Isso sugere uma resistência local em reconhecer o valor de seu trabalho.

Já Maria Firmina dos Reis, uma escritora notável, enfrentou um destino similar: apesar de sua obra, como "Úrsula", ser significativa, foi relegada ao "limbo" pelos seus contemporâneos. Isso indica uma falta de reconhecimento e valorização de sua literatura, possivelmente devido a preconceitos de gênero, racial ou sociais.

A citação, portanto, revela não apenas o desprezo injustificado enfrentado por esses indivíduos em São Luís, mas também uma crítica à falta de apreciação pela cultura local e pelas contribuições intelectuais importantes que deveriam ser celebradas e preservadas, ao invés de serem ignoradas ou desvalorizadas.

Em Gomes (2022), embora todo o crédito pelo reconhecimento de Maria Firmina tenha sido atribuído em grande parte ao esforço do pesquisador José do Nascimento Morais Filho, é crucial destacar a participação de outros indivíduos que foram essenciais para a descoberta da romancista. Entre eles estão Alice Nogueira, ex-vereadora e então secretária municipal de administração, encarregada de localizar parentes, ex-alunos ou conhecidos de Maria Firmina. Antônio de Oliveira, maranhense residente no Rio de Janeiro, atuou como intermediário entre Morais Filho e o bibliófilo Horácio de Almeida, também residente na cidade carioca, que era o detentor do único exemplar de "Úrsula". Por último, Leude Guimarães, filho adotivo de Maria Firmina, detentor do diário da escritora.

No prefácio, o bibliófilo, afirma que comprou um lote de livros em um sebo no Rio de Janeiro, entre os anos de (1967-1969). Em meio a vários livros, viera uma brochura com o título *Úrsula*, constando apenas o pseudônimo "Uma Maranhense" Que por sua vez, efetivou a doação do único exemplar de *Úrsula* ao Estado do Maranhão, na pessoa do governador. (GOMES, 2022, pp. 298, 299).

Em síntese, a pesquisa de Morais Filho resultou de um trabalho em equipe com um único objetivo: trazer a público a única escritora maranhense do século XIX, até então desconhecida e silenciada por uma sociedade presa aos costumes patriarcalistas.

Segundo Agenor (2022), devido ao êxito da pesquisa de Morais Filho sobre a romancista Maria Firmina dos Reis, um busto em sua homenagem foi inaugurado na praça do Panteon em novembro de 1975. Além disso, o governo do estado, sob Osvaldo Nunes Freire, patrocinou a distribuição de 300 exemplares de *Úrsula*.

Entretanto, conforme o mesmo autor, apesar da grandiosidade da solenidade organizada por Morais Filho em 1975, a obra fac-similar de *Úrsula* não avançou, ficando esquecida e limitada aos 300 exemplares distribuídos.

Ainda segundo o mesmo autor, após onze anos do sesquicentenário da escritora, é que a divulgação de sua produção literária ganhou destaque em universidades europeias, principalmente devido à edição realizada por um acadêmico norte-americano. Esse movimento foi impulsionado pela professora carioca Luíza Lobo, que em 1988 convidou Charles Martin para escrever a terceira edição de "Úrsula", publicada pela Editora Presença/Instituto Nacional do Livro na Coleção Resgate.

No prefácio intitulado "Uma rara visão de liberdade", Charles Martin sustenta que "Úrsula" é o primeiro romance brasileiro a abordar a escravidão sob a perspectiva do próprio negro escravizado (GOMES, 2022, p. 313).

O reconhecimento do legado de Maria Firmina dos Reis, na atualidade, é, a antítese dos cem anos de apagamento da sua obra. O silenciamento, no fim do século XIX até as últimas décadas do Novecentos, traduz bem os obstáculos enfrentados por autores negros na ocupação de espaços sociais, tanto no período escravista quanto no período pós-Abolição. (GOMES, 2022, p. 315).

Os "cem anos de apagamento da sua obra" refere-se ao longo período em que a contribuição literária de Maria Firmina dos Reis foi ignorada ou marginalizada. Esse apagamento não é um fenômeno isolado; reflete um padrão histórico de silenciamento de vozes negras na literatura e em outros campos culturais e intelectuais. Durante o século XIX e até o século XX, autores negros enfrentaram barreiras significativas para terem suas vozes ouvidas e suas obras reconhecidas, devido às estruturas sociais e culturais dominantes que perpetuavam o racismo e a exclusão como já estudado em Botelho 2019.

O reconhecimento tardio do legado de Maria Firmina dos Reis na contemporaneidade contrasta fortemente com essa história de apagamento. Hoje, há um esforço crescente para resgatar e valorizar as contribuições de escritores negros para a cultura brasileira e mundial, um exemplo claro desse resgate é a grande participação de negros na série *Bridgerton* que aparecem como protagonistas e não como coadjuvantes. A citação também destaca como esses obstáculos não se limitaram ao período escravista, persistindo mesmo após a Abolição da Escravatura em 1888.

Portanto, comentar essa citação é reconhecer não apenas a importância de Maria Firmina dos Reis como uma precursora literária e abolicionista, mas também refletir sobre as estruturas de poder e exclusão que moldaram a recepção de suas obras ao longo da história. É um convite para valorizarmos e ampliarmos a visibilidade das vozes historicamente marginalizadas, promovendo uma justiça cultural e intelectual que reconheça e celebre a diversidade de perspectivas na literatura e na sociedade como um todo.

Nesse contexto, a análise de Luíza Lobo, conforme Gomes (2022), destaca que a obra de Maria Firmina representa uma mudança significativa na representação dos personagens negros no contexto do Romantismo brasileiro, pois são tratados não mais como objetos, mas como sujeitos (GOMES, 2022, p. 313). Esse movimento de reconhecimento acadêmico e crítico da obra de Maria Firmina dos Reis evidencia seu papel pioneiro na literatura brasileira ao oferecer uma perspectiva humanizada e protagonista aos personagens afrodescendentes, contribuindo para um olhar mais justo e inclusivo na representação literária do país.

Nesse viés, Gomes (2022, p. 315), salienta que a obra de Maria Firmina dos Reis foi um gesto desafiador, pois condenava a violência da escravidão, especialmente ao tratar das condições desumanas dos negros nos porões dos navios negreiros. Tal abordagem era incômoda para a sociedade da época, que preferia silenciar ou minimizar essa realidade.

A vida de Maria Firmina dos Reis contrapõe-se aos preceitos da sociedade patriarcal oitocentista, que remetia a mulher- mais ainda mulher negra- à subalternidade que a inibia de assumir protagonismos. A escritora, em suas obras mais importantes – Úrsula e “A escrava” – dá amplitude à sua posição política de denúncia contra a injustiça da escravidão. (GOMES, 2022, p. 316).

O autor argumenta que a complexidade do tema abordado em "Úrsula" foi um dos fatores que contribuíram para o apagamento da escritora. Além de expor as condições miseráveis dos escravizados, Maria Firmina dos Reis também enfrentava o preconceito de gênero, sendo uma "mulher negra" em uma sociedade profundamente patriarcal e racista. Portanto, o texto discute não apenas a importância literária de "Úrsula", mas também os desafios enfrentados pela autora devido à sua condição racial e de gênero.

7. ANÁLISE DA OBRA ÚRSULA E SUAS PERSONAGENS

7.1. Úrsula

Para Karina de Almeida Calado (2018), o romance *Úrsula* é um texto fundamentalmente precursor de uma escrita negra na literatura brasileira, porque se desenvolve focalizando a experiência do negro. Para a mesma autora, a construção da história e das personagens é feita por uma consciência autoral negra, e a estrutura discursiva do romance é arquitetada de maneira a encenar uma complexa tessitura de vozes sociais que marcam a sociedade escravista do século XIX.

Maria Firmina dos Reis articula a sua enunciação negra a partir da própria construção discursiva do romance: como sabemos, em *Úrsula*, o negro possui características morais elevadas, como a coragem, a lealdade e a bondade; tem vontade própria, tem lugar de fala e seus próprios códigos de conduta. (MIRANDA, 2018, p. 278).

Para Djamila Ribeiro, a carga de protagonismo imposta aos personagens pretos não apenas caracteriza o pioneirismo da obra como evidencia a importância de romper com a invisibilidade a que grupos marginalizados da sociedade estão constantemente atrelados.

Para além da questão escravocrata, na obra *Úrsula*, como aponta Djamila Ribeiro, Maria Firmina traz à tona um outro entendimento acerca da opressão constituintes no colonialismo. A opressão acoplada às engrenagens da estrutura patriarcal, a agressão cometida contra as mulheres no espaço da casa e em sociedade.

Do ponto de vista formal, o texto marca-se pela linearidade e por seres desprovidos de maior complexidade psicológica. Tais figuras vivem quase sempre situações extremas, marcadas pelo acaso e por mudanças bruscas do destino. Situando *Úrsula* no contexto da narrativa folhetinesca, pode-se aquilatar o quanto a escritora se apropria das técnicas do romance de fácil aceitação popular, a fim de utilizá-las como instrumento a favor de seu projeto de dignificação dos oprimidos- e não apenas dos escravizados. (DUARTE, 2018, pp. 69,70).

Para Eduardo de Assis Duarte, o romance *Úrsula*, situa a escravidão num contexto de supremacia da vontade senhorial como poder absoluto. Como também a inserção da mulher como individualidade sequestrada e elemento submetido, uma personalidade moldada para a obediência, numa inédita postura de interseccionalidade entre gênero e etnia.

7.2. A representação da mulher anjo e da mulher demônio nas personagens de Úrsula e Adelaide.

Para Troina, (2022), Firmina constrói uma narrativa onde as personagens femininas possuem posturas subversivas frente ao poder ditatorial masculino em uma sociedade que ainda enxerga as mulheres como um objeto de conquista para exibição social, como é possível observar na afirmação das características do romantismo, que traz em seu bojo a mulher angelical, doce meiga e obediente aos interesses masculinos como padrão aceito.

Segundo Lélia Gonzales, o romance Úrsula, é um projeto de sensibilidade única de Firmina, visto que se urde em um jogo de construção e desconstrução da própria estrutura. (GONZALES, 2022, p. 49).

Os espaços de reflexão criados pela autora são operados pelas personagens, que carregam uma carga dramática, simbólica, moral e pragmática, constituindo-se como elementos capazes de rachar e vazar uma forma elipsada de escrita, à medida que se esconde uma proposta política dentro da estrutura do romance. (GONZALES, 2022, p. 49).

A mulher anjo e a mulher demônio descritas no romance de Maria Firmina ilustram não somente a posição social das personagens, mas também como elas eram vistas pelos homens da época. (TROINA, 2022, p.116).

As características principais da personagem Úrsula são a sua delicadeza e aparência angelical, configurados no ultrarromantismo do século XIX. (TROINA, 2022, p.112). Troina, salienta que, para Tancredo, Úrsula não possui nenhum defeito, pelo contrário, sua perfeição alcança níveis celestiais, para ele a personagem Úrsula é o exemplo de como as mulheres deveriam se comportar: (TROINA, 2022, p.113). Úrsula tornara-se para ele a imagem vaporosa e afagadora de um anjo: e o que se passava naquele coração enfermo só ele o sabia. (REIS, 2018, p. 117).

A outra face do anjo é vivida por Adelaide, que surge como o oposto de Úrsula, descrita através dos delírios de Tancredo [...] a partir desse momento temos a outra imagem de Adelaide como aquela que faz o homem delirar. (TROINA, 2022, p.117). — Adelaide! — prosseguiu ele após longa pausa — Adelaide! Este nome queima-me os beijos; enlouqueço quando penso nela. (REIS, 2018, p. 112).

No entanto, demônio e anjo para Troina, é um fator subjetivo e relativo, pois ambas as personagens, tanto Úrsula, quanto Adelaide, fugiram dos padrões desejados e aceitáveis pelos escritores homens da época. (TROINA, 2022, p.113). Para Troina, a personagem Úrsula, rompe com as expectativas e atribuições dadas a ela enquanto uma

mulher delicada e frágil, [...] ao fugir para se casar por amor com o homem que ela havia escolhido, o que reconfigura a posição social feminina. (TROINA, 2022, p.113).

É interessante analisar a uma mudança na visão do personagem comendador Fernando P... em relação a Úrsula enquanto uma mulher demônio a partir do momento em que ela não aceita unir-se a ele: (TROINA, 2022, p. 113).

Troina, pontua que a” primeira representação da Úrsula como “anjo” se aproxima daquelas feitas por escritores homens ao longo da história, que condicionam a mulher a um determinado padrão de comportamento (TROINA, 2022, p. 117).

É preciso pontuar que essa representação é feita por uma escritora silenciada dentro do campo literário por ser mulher e negra, o que complexifica a análise da sua obra. A escrita de Maria Firmina dos Reis é uma tentativa bem-sucedida de destituir o padrão imposto pela escrita de homens brancos e dessa forma opor-se aos estereótipos culturais. (TROINA, 2022, p.117).

7.3. A imagem da mulher perfeita do século XIX, e os estigmas da violência doméstica.

Segundo Troina (2022), a escrita de Maria Firmina contribui para a reflexão sobre as diferentes violências que as mulheres eram submetidas naquele contexto histórico no Brasil. Para a autora, essas subjugações e violências eram e ainda são muitas vezes justificadas pela sociedade porque provinham das mãos de homens pertencentes à elite e possuidores de títulos de comendador ou simplesmente por serem maridos, homens que se veem no direito de exercer a dominação sob os corpos femininos.

O universo firminiano acolhe as vozes femininas representadas nas falas das personagens, ou na ausência dessas vozes, as quais se mostram representadas pela enunciação da narradora. (TROINA, 2022, p.133).

Para Rosane Jaehn Troina, Maria Firmina elabora cuidadosamente a imagem das personagens não em oposição ao masculino, mas mantendo uma complexidade exigida pelo ser humano.

Troina (2022), aponta que Maria Firmina por meio de suas personagens busca a compreensão do leitor às restrições que sofriam as mulheres ao longo da vida. E traz como exemplo a mãe de Tancredo, que sofria com as violências exercidas pelo marido dentro do casamento, e que ainda assim acaba obedecendo o mesmo. (TROINA, 2022, p. 116)

[...] Perdoai-me! Mas tanto tenho sofrido; tantas lágrimas me têm sulcado ⁴o rosto desfeito pelos pesares; tanta dor me têm amargurado a alma, que estas palavras, nascidas do íntimo do peito, pungentes,⁵ como toda a minha existência, não vos podem ofender. Arranca-as Senhor dos abismos da minha alma a agonia lenta, que nela tem gerado o desprezo e o desamor com que me tendes tratado! E extenuada⁶ por tamanho esforço e pela dor não pôde continuar. [...] estranho aos queixumes da esposa, como se os não ouvira, exclamou: - Ide-vos – e acrescentou no mesmo tom: - Dizei a vosso filho que a vontade de seu pai não a domastes vós, e ninguém o conseguirá. – E nem uma palavra de esperança? ... – soluçou minha infeliz mãe. - Ide-vos – tornou-lhe o endurecido esposo. Ela obedeceu. (REIS, 2018, pp. 139 a 140).

Na passagem em questão, Maria Firmina expõe um contexto histórico ou literário onde as relações entre marido e esposa são frequentemente marcadas por desigualdades de poder e tratamento injusto. Em termos de comentário, essa passagem ilustra vividamente o tema do sofrimento humano resultante da falta de empatia e da crueldade nas relações interpessoais, especialmente dentro do casamento.

Troina (2022), aponta também que a mãe de Tancredo personagem que não recebe nome na narrativa, é uma ressalva feita pela autora. Esta não nomeação é justamente uma forma de representar o silêncio das mulheres que eram vítimas de violência doméstica, que sofriam com os abusos cometidos pelos maridos e não eram ouvidas.

Observa-se também que não revidar para as mulheres do século XIX, era uma forma de se manter a salvo de julgamentos da sociedade, além de ser um status de mulher perfeita. E através da mãe de Tancredo, Maria Firmina consegue descrever e representar essa mulher, que na visão da sociedade patriarcalista, quanto menos argumentasse melhor seria para fomentar o sistema de austeridade imposto ao gênero feminino do período colonialista.

A mãe de Tancredo é descrita como uma “santa” e “humilde mulher”, ela expressava os valores tradicionais do século XIX. Não levantava a voz para o cônjuge e mantinha-se resignada e submissa frente às imposições do marido. A opinião dela era muito importante apenas para o filho, mas de nada valia para o marido, o qual exercia de forma tirana um poder autoritário nas decisões familiares, e essas decisões não eram restritas ao meio privado, o homem exercia poder tanto dentro quanto fora de casa. (TROINA, 2022, p. 126)

A citação apresenta um retrato vívido das dinâmicas familiares e dos papéis de gênero no século XIX, destacando a figura da mãe de Tancredo. Ela é descrita como uma

⁴ **Sulcado**- Que possui sulcos; em que há ruga, prega, fissura ou ranhura.

⁵ **Pungentes**- Cujas pontas são rígidas e aguçadas; que pode ferir ou machucar por ser capaz de perfurar; pontiagudo. Que dói em excesso; que atormenta muito; lancinante. [Por Extensão] Capaz de afetar ou impressionar extremamente os sentimentos, as paixões; que é excessivamente comovente; comovedor. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pungente/> Acesso em 30 de dez. 2022.

⁶ **Extenuada**- Exausto; que está extremamente cansado e esgotado. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/extenuada/>>

mulher "santa" e "humilde", características que refletem os ideais tradicionais da época, nos quais a virtude feminina era frequentemente associada à submissão e resignação.

A descrição da mãe de Tancredo como alguém que não levantava a voz para o cônjuge e era resignada frente às imposições do marido evidencia a prevalência do patriarcado e do autoritarismo masculino na família. O marido é descrito como exercendo um poder tirano e autoritário tanto nas decisões familiares quanto, possivelmente, em esferas externas à casa.

Importante notar que, embora a opinião da mãe fosse valorizada pelo filho Tancredo, ela aparentemente não tinha influência significativa sobre as decisões do marido. Isso ressalta a hierarquia patriarcal e a limitação dos espaços de poder para as mulheres naquele contexto histórico.

Esse trecho ilustra como as relações de poder e os valores tradicionais permeavam não apenas a esfera privada, mas também as relações sociais mais amplas, evidenciando a complexidade das relações de gênero e das estruturas familiares no século XIX.

7.4. Uma abordagem histórica sobre o que é ser negro dentro e fora da África nas narrativas dos escravos: Preta Susana, Túlio e Antero.

Para Nascimento (2018), no romance *Úrsula*, os negros aparecem culturalmente caracterizados como personagens que expressam a realidade africana presentificada na cultura brasileira, no entanto, pela sinuosidade da narrativa empenhada por Maria Firmina dos Reis, os negros assumem a perspectiva crítica em face de sua condição servil, seja através das palavras que proferem nos diálogos em que usam da voz, seja através dos atos que a eles cabem no encandeamento da construção do enredo.

A autora maranhense usou de forte consciência ideológica na construção de Túlio, Preta Susana e Antero, articulando-os no romance *Úrsula*, que é fortemente ajeitado aos moldes românticos da estética brasileira dominante no período de 1830 a 1880, aproximadamente. (NASCIMENTO, 2018, p. 130).

Em "*Úrsula*", publicado em 1859, Maria Firmina dos Reis apresenta uma narrativa que combina elementos românticos com uma forte crítica social e uma visão ideológica clara. A obra retrata a sociedade brasileira da época, especialmente as relações de poder, as injustiças sociais e as questões raciais.

Os personagens mencionados - Túlio, Preta Susana e Antero - são provavelmente exemplos da diversidade social e étnica explorada por Firmina dos Reis em seu romance.

A presença de uma "forte consciência ideológica" na construção desses personagens sugere que a autora utilizou suas criações não apenas para contar uma história, mas também para transmitir críticas e reflexões sobre a sociedade de seu tempo.

Além disso, a referência aos "moldes românticos da estética brasileira dominante no período de 1830 a 1880" indica que Maria Firmina dos Reis não apenas escreveu dentro das convenções literárias de sua época, mas também as subverteu ao abordar temas considerados tabus ou ignorados pela maioria dos escritores daquele período.

Em resumo, "Úrsula" é uma obra que não apenas se enquadra nos moldes literários do romantismo brasileiro do século XIX, mas também se destaca pela sua crítica social e pela representação de personagens que refletem as diversas camadas da sociedade brasileira da época, tudo isso sob a perspectiva de uma autora comprometida com sua visão ideológica e social.

Em Nascimento (2018), Preta Susana representa a voz ancestral africana, no âmbito do romance romântico brasileiro, através da memória que cria outra realidade para os mitos de origem do brasileiro. (NASCIMETO, 2018, p. 134).

É partindo da violência desta nova realidade que se apresenta a Preta Susana, que ela narra em tons de autobiografia, as lembranças da captura em África, a concretude do pavor absoluto traduzido na experiência do navio tumbeiro, a violência ⁷abissal de ser tornado escravo e fixado como objeto e como mercadoria em terra estranha. (RIBEIRO, 2022, p. 106).

Para Djamila Ribeiro (2022), na estruturação da escrita, primeiro Firmina insere a descrição de Susana, que se torna sinal visual do "corpo para o uso", um corpo desgastado pelos horrores da escravidão e, em contraste com a fala, insere a revelação de Túlio, que conta acerca de sua alforria pelas mãos de Tancredo. É então que, enquanto conquista, nas falas subsequentes, Susana relativiza a "liberdade" sobre a qual Túlio fala. Susana é, como se percebe um signo: é a geração (gerações) consumida (s). (RIBEIRO, 2022, pp. 111,112).

Para Djamila Ribeiro, Túlio é a possibilidade, a promessa de futuro. Ao que Susana lança um ponto de interrogação: "tu livre?". É livre de fato este Túlio outorgado? Nesse contexto, Susana prossegue, contando de sua liberdade plena em África. (RIBEIRO, 2022, p. 112).

[...] Liberdade! Liberdade. . . Ali eu a gozei na minha mocidade! — continuou Susana com amargura. — Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade,

⁷ **Abissal:** Diz-se das grandes profundezas dos oceanos e lagos, daquilo que constitui a parte mais profunda da Terra: zona abissal do oceano. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/abissal/>>

via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor; eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah, meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma. Uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, P. 179).

Susana, ao resgatar as memórias de África carrega o romance de saudosismo do passado. Para ela, o passado está em África, a realidade está em África. O depois é dor, torpor⁸ anestesiamiento. (RIBEIRO, 2022, p. 115).

Djamila Ribeiro observa que a breve descrição supracitada de Susana contrasta com a força de sua fala e intensifica seus efeitos. A ela, soma-se uma inquietação das mais desconcertantes do romance: Susana parece desacreditar da liberdade possível aos descendentes de escravizados em uma terra onde estes já nascem marginalizados.

Haverá liberdade para os sujeitos pretos em um país marcado pelo colonialismo escravocrata de bases eurocêntricas? – esta parece ser a pergunta implícita presente no capítulo “A Preta Susana”. (RIBEIRO, 2022, p. 111).

Para Djamila Ribeiro, o capítulo “A Preta Susana”, Maria Firmina dos Reis abandona o narrador onisciente para assumir uma primeira pessoa onde Susana narra a captura, os terrores de estar em um navio tumbeiro. (RIBEIRO, 2022, p.106). [...] A memória da dor é construída justamente a partir do encontro com os homens brancos e da travessia pelo Atlântico. (GONZALEZ, 2022, p. 56).

[...] Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a bran⁸⁷ dos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah, nunca mais devia eu vê-la. Ainda não tinha vencido cem braços do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo eminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira — era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível. . . A sorte me reservava ainda longos combates. Quando me

⁸ **Torpor**; Sensação de indisposição ocasionada pela redução da sensibilidade e dos movimentos corporais; falta de sensibilidade; entorpecimento. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/torpor/> >

arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava — pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus, o que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar! Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de 88 levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo — davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar a morte aos cabeças do motim. A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade fora sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. Não sei ainda como resisti — é que Deus quis poupar-me para provar a paciência de sua serva com novos tormentos que aqui me aguardavam. O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos. . . os tratos, porque passaram, doeram-me até o fundo do coração. O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (REIS, 2018, pp. 180 a 181).

A citação sugere que a narrativa se situa em um contexto pós-cativo, onde a personagem Preta Susana reflete sobre sua vida desde a captura na África até sua experiência como escravizada em uma terra estrangeira. A "nova realidade" mencionada pode indicar a difícil transição que os escravos enfrentaram após serem arrancados de suas vidas e culturas originais.

O tom autobiográfico sugere que Preta Susana está compartilhando suas próprias lembranças e experiências pessoais, mas ao mesmo tempo representa a história coletiva de muitos africanos que foram submetidos à escravidão. Esse estilo de narrativa pode oferecer uma perspectiva íntima e poderosa sobre a brutalidade e a desumanização da escravidão.

A menção à captura na África e à experiência no navio tumbeiro evoca imagens de horror e sofrimento extremo. A captura muitas vezes envolvia violência e separação brutal de entes queridos, enquanto o navio tumbeiro representava condições desumanas e aterradoras durante a travessia forçada para os destinos de escravidão.

O texto destaca a "violência abissal" da escravidão, que não apenas privava os indivíduos de sua liberdade, mas os transformava em mercadorias, tratados como objetos em vez de seres humanos. Essa desumanização é uma característica central da instituição

da escravidão que é frequentemente explorada na literatura para revelar sua verdadeira crueldade.

A obra parece contextualizar a história pessoal de Preta Susana dentro de um quadro mais amplo de crítica social e histórica. Ao contar sua história, Maria Firmina provavelmente está questionando as estruturas de poder e explorando as consequências devastadoras da escravidão tanto para os indivíduos quanto para as sociedades.

Em resumo, o trecho citado parece ser uma poderosa reflexão sobre a experiência de escravidão através da voz de Preta Susana, oferecendo uma visão vívida e impactante da brutalidade e desumanização infligidas aos africanos durante esse período sombrio da história.

De início, é preciso ressaltar que esta é a primeira vez que o porão do navio negreiro aparece na literatura brasileira. (DUARTE, 2014, p. 57).

Para Duarte (2014), por mais que os escritores românticos “combatessem” a escravidão, antes de 1859, nenhum deles trouxe para seus leitores do tráfico sequer próximos dos descritos em Úrsula.

Segundo Djamila Ribeiro (2022), essa verdade histórica que Susana apresenta na forma da contação se revela como importante forma de transmissão de conhecimento.

Para Lélia Gonzalez, (2022), a África de Maria Firmina dos Reis não está atrelada à escravização, mas a terra natal, numa relação ⁹diaspórica com esse lugar, até então não vista em nossa literatura.

Lélia Gonzalez, destaca que através da trama de Maria Firmina, as personagens pretas, Susana e Antero, conferem importância à terra ao mencionarem a África como lugar de origem:

— Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana que se dedica à festa do ¹⁰fetichê, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh, lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira. (REIS, 2018, p. 258).

Para Juliano Carrupt do Nascimento, o velho africano traz para o romance Úrsula a originalidade de sua identidade cultural, ao evocar por meio da cachaça a África, sua evasão se justifica ideologicamente pela dignidade do trabalho e dele vir o sustento para

⁹ **Diaspórica**- Aquilo que é relativo à diáspora, à dispersão de um povo pelo mundo ao longo dos anos, por perseguição política, religiosa ou étnica. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/diasp%C3%B3rica/>>

¹⁰ **Fetichê: 1-** Objeto que se cultua por supostamente possuir um valor mágico ou sobrenatural; objeto com características mágicas. 2- [Psicologia] Objeto ou parte do corpo que pode ser erotizado para satisfazer os desejos de alguém. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/fetichê/>>

o vício do álcool. Há uma contraposição de valores em sua fala, onde o Brasil aparece como espaço da escravidão, e a África como lugar da liberdade humana. (NASCIMENTO, 2018, p. 138).

Tal armação ideológica se desenvolve através da qualidade da cachaça e da possibilidade de sua compra- no Brasil, de péssima qualidade, e efeito da alienação do homem, símbolo do fracasso e do vício; em África, de boa qualidade e vinculada aos momentos de lazer, símbolo de descanso e fruição do homem trabalhador ligado à terra. (NASCIMENTO, 2018, p. 138).

Pelas mãos de Maria Firmina dos Reis, a África ganha atributos de qualidade quando, desde o primeiro capítulo, as referências ao continente o evidenciam de forma positiva. (GONZALEZ, 2022, p. 56).

Para Lélia Gonzalez (2022), a escrita de Firmina contraria a desqualificação de tudo quanto se refere ao continente africano e às narrativas ficcionais que justificam a escravidão ao desfazer a lógica de desumanização e desqualificação aplicadas aos sujeitos pretos e à demonização aplicada à África.

7.5. Túlio e Tancredo: homens emergentes idealizados por Maria Firmina dos Reis aos novos tempos.

Para Lélia Gonzalez (2022), o ato de Maria Firmina deslocar Túlio, essa unidade preta, de seu lugar figurativo e plástico, para o de portador de uma voz e de sujeito não configura apenas o desejo de fala das *personas* que se identificam com essa necessidade vital, mas uma proposição / provocação, do mesmo modo desloca Tancredo, e faz deste, a personificação de um lugar de escuta. Lélia Gonzalez traz que Maria Firmina não apenas ficcionaliza uma possibilidade de inserção deste indivíduo preto, mas imagina esse novo homem branco, disposto à escuta e ao diálogo, confrontado com a falência de sua supremacia e do sistema que também o inventou, opositor da escravização, um homem humanista. Enquanto Túlio é o exemplo da retidão e da integridade, Tancredo é o ideal novo homem, aquele com sensibilidade alinhada às condições dos novos tempos que tardam a chegar. (GONZALEZ, 2022, p. 58).

A sociedade que teoricamente está por emergir requer um homem que não compactue com a sociedade escravagista, destituído do gosto sádico pela dor, pela morte, disposto à honra e ao trabalho do outro (o escravizado). Este novo homem seria capaz de enxergar no outro, este preto, apenas premência humana, de forma desassociada do lugar social como um condicional imutável imposto pela escravidão, pelas teorias científicas forjadas para a dominação ou pelos estereótipos constantemente repetidos a fim de tornar fixo seus

significados no imaginário coletivo, ao definirem, a partir dos interesses de “uso”, homens e mulheres negras. (GONZALEZ, 2022, pp. 58,59).

A citação de Lélia Gonzalez é profundamente reflexiva e provocativa, abordando a necessidade de uma transformação radical nas percepções e relações sociais em uma sociedade pós-emergente. Ela sugere que essa nova sociedade requer um tipo diferente de ser humano, um que não apenas rejeite a estrutura escravagista e seu legado de desumanização, mas que também seja capaz de reconhecer a humanidade plena no outro, independentemente das construções sociais e históricas que tentaram negá-la.

Gonzalez critica a mentalidade sádica que historicamente justificou a dor e a morte dos escravizados, demonstrando como a visão distorcida de inferioridade foi perpetuada por teorias científicas e estereótipos prejudiciais. Ela propõe um novo paradigma ético, onde a dignidade e a honra do trabalho alheio são valorizadas, rompendo com a lógica de exploração e supremacia que subjazia à escravidão.

Ao destacar a "premência humana" no outro, Gonzalez desafia a naturalização das desigualdades e a exclusão social baseada na raça. Ela apela para uma consciência crítica que reconheça a humanidade compartilhada, desvinculada das categorias impostas pelo sistema opressivo. Essa perspectiva não só busca justiça social, mas também uma transformação radical na forma como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

Em suma, a citação de Gonzalez convida a uma reflexão profunda sobre a responsabilidade individual e coletiva na construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária e justa, onde o respeito mútuo e a dignidade humana sejam os pilares fundamentais da convivência.

Quando Tancredo dirige a palavra a Túlio cria um espaço de escuta, ao lhe perguntar quem ele é, qual a condição em que se encontra (portanto, circunstancial). (GONZALEZ, 2022, p. 61).

Então o pobre e generoso rapaz, engolindo um suspiro magoado, respondeu com amargura, malgrado seu, mal disfarçada: — A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor — continuou —, não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah, escravo é tão infeliz! . . . tão mesquinha, e rasteira é a sua sorte, que. . . — Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio — interrompeu o jovem cavaleiro. — Dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. [...] E o negro dizia uma verdade; era o primeiro branco que tão doces palavras lhe havia dirigido; e sua alma, ávida de uma outra alma que a compreendesse, transbordava agora de felicidade e de reconhecimento. (REIS, 2018, p. 106, 107).

Lélia Gonzalez, aponta que a voz narrativa de Maria Firmina ao comunicar a cerca de Túlio que Tancredo é o primeiro branco que o trata bem, [...] faz sobressair não apenas uma ideia de reciprocidade na dinâmica da alteridade, onde a existência da alma é uma questão fundamental, principalmente para a construção de Túlio, mas também que os personagens estão implicados em uma concepção “¹¹axiológica”, onde valores morais e éticos, estéticos e espirituais estão constantemente em jogo.

Em Lélia Gonzalez (2022), tanto Túlio quanto Tancredo tomam importantes decisões, movidos por afetação: Túlio não faz de Tancredo seu inimigo, apesar de este ser a personificação do opressor em potencial. Por outro lado, a restituição da sensibilidade humana de Tancredo, é resgatada por Túlio quando ele, ao lidar com a potencial morte do branco, decide não a permitir. (GONZALEZ, 2022, p. 61). A autora frisa que diante da ação de Túlio, é preciso considerar que para o opressor branco do colonialismo patriarcal a morte de pretos está naturalizada e é legítima. (GONZALEZ, 2022, p. 61).

Para Lélia Gonzalez, a partir da desnaturalização da morte percebe-se que não se evidencia entre Túlio e Tancredo uma correlação superior-inferior. Tancredo, mesmo quando oferece ao outro o valor correspondente à sua alforria, não é alçado ao posto de herói, elevado ao amigo não apenas socialmente, mas moralmente. Lélia Gonzales ainda aponta, que a escravidão é condenada como um todo, e, se Túlio vai receber nas páginas seguintes o dinheiro para a sua alforria das mãos de Tancredo é apenas porque esta é uma condição imposta pelo regime. Nas escolhas que a autora faz não existem ¹²subterfúgios para escamotear o controle sobre os subalternizados. (GONZALEZ, 2022, p. 67).

Na escrita de Maria Firmina, de cunho abertamente abolicionista, a liberdade não é recompensa de nada, é condição primeira, assim como a condenação da escravização se dá apenas porque nenhum homem deve ser escravizado por outro. (GONZALEZ, 2022, p. 67).

Para Maria Firmina, a liberdade não é algo a ser conquistado ou uma recompensa por mérito; é um direito inalienável e uma condição básica da humanidade. Isso sugere

¹¹ **Axiológica**- 1-Qualquer teoria relacionada com a questão dos valores, especialmente os valores morais. 2- Ciência dos valores; ciência que se dedica ao estudo dos preceitos e regras que, estabelecidas socialmente, regulam o comportamento humano. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/axiologia/>>

¹² **Subterfúgios**- Alegação ou pretexto usado por quem procura, de maneira ardilosa, esquivar-se de dificuldades; pretexto, evasiva, desculpa, rodeio: algumas pessoas utilizam a mentira como subterfúgio para conseguir privilégios.

uma visão radical para a época, onde muitos ainda viam a liberdade como um privilégio condicional, reservado apenas para alguns.

A autora não se limita a criticar a escravidão por seus efeitos adversos ou injustiças específicas, mas pela própria natureza desumana de um ser humano possuir e controlar outro. Essa condenação não está vinculada a ganhos econômicos ou benefícios práticos, mas sim à convicção moral de que nenhum ser humano deve ser subjugado por outro.

Ao adotar uma posição tão clara e fundamentada contra a escravidão, Maria Firmina dos Reis não apenas contribuiu para o movimento abolicionista de sua época, mas também defendeu uma visão de justiça social que transcende as conveniências e interesses pessoais ou econômicos.

Portanto, essa citação destaca não apenas a postura de Maria Firmina como uma escritora abolicionista pioneira, mas também sua firme convicção de que a liberdade é um direito humano fundamental e a escravidão uma violação inaceitável desse direito.

Para Juliano Carrupt do Nascimento (2018), a estratégia de Maria Firmina dos Reis, em construir o personagem Túlio, foi determinar a diferença entre alforria e ¹³manumissão, pois Túlio se vincula a esses conceitos, muito próprios da perspectiva escravocrata. Por outro viés, Lélia Gonzales (2022), diz que Maria Firmina elabora seu Túlio de maneira a que ele oscile entre a raiva e a experimentação da fraternidade, na lida com suas próprias dores, caracterizando um Túlio humano, localizado no ventre na sociedade escravocrata patriarcal.

Assim o personagem Túlio, do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, entra em cena como um ponto negro que surge iluminando todo o cenário e, nessa aparente contradição, a autora nos apresenta outra possibilidade de lermos o mundo. Este ponto negro luminoso que surge no horizonte e restitui a humanidade do próprio homem branco, representado pelo personagem Tancredo, reorganiza os significados simbólicos das hierarquias, equiparando os dois personagens, e, ao fazer isso desse modo, a escritora promove o realinhamento das expectativas do próprio leitor e leitora. (DIOGO, 2022, p. 109).

Túlio, ao surgir como um "ponto negro que ilumina todo o cenário", pode ser interpretado como um elemento que desafia as hierarquias raciais e sociais estabelecidas na narrativa.

A autora parece utilizar Túlio não apenas como um contraste ao personagem branco Tancredo, mas também como um agente de transformação simbólica e cultural. A ideia

¹³ **Manumissão**-[História] Liberdade concedida ao escravo pelo seu senhor; alforria. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/manumissao/>>

de Túlio como um "ponto negro luminoso" sugere que sua presença não apenas quebra estereótipos raciais, mas também redefine as expectativas do leitor em relação às relações entre diferentes grupos sociais na obra.

Ao equiparar Túlio e Tancredo simbolicamente, Maria Firmina dos Reis pode estar promovendo um questionamento das normas sociais e uma revisão das perspectivas tradicionalmente estabelecidas sobre o que significa ser humano e digno de respeito dentro da narrativa. Isso não só realinha as expectativas do leitor, como também desafia as convenções literárias e sociais de sua época.

Portanto, a citação destaca não apenas a importância de Túlio como personagem, mas também a habilidade da autora em subverter e reinventar significados simbólicos através de sua narrativa, proporcionando uma nova maneira de entender as relações entre os personagens e, por extensão, entre diferentes grupos sociais na sociedade representada no romance.

De acordo com Juliano Carrupt do nascimento (2018), a armação que a autora produz para igualar um herói branco a um negro escravo, sem que ambos sejam dissociados de suas determinações históricas, elege-os como iguais segundo o caráter, a moral e a ética da honestidade.

A generosidade de Tancredo, apreendida por Túlio confirma o objetivo maior do escravo, que é trabalhar sendo um liberto. A relação de poder que existe entre ambos se estabelece a partir da determinação histórica, mas não simplesmente da condição moral imposta pela política do escravismo. Os dois são identificados pela bondade, pelo sacrifício, em relação aos senhores de terras e comendadores presentes na narrativa. Maria Firmina dos Reis faz crítica, bastante explícita não ao interesse de Túlio em relação a Tancredo, pois o escravo salvara o mocinho branco de um acidente, e este por recompensa dá-lhe dinheiro para que Túlio possa comprar a liberdade. (NASCIMENTO, 2022, p. 132).

A generosidade de Tancredo ao salvar Túlio e a subsequente decisão de Túlio em retribuir ajudando Tancredo a conquistar sua liberdade destacam-se como elementos cruciais. Isso demonstra um contraponto à relação típica entre senhores e escravos na época, onde o poder era exercido de maneira desigual e frequentemente opressiva.

Maria Firmina dos Reis utiliza essa dinâmica para fazer uma crítica social explícita. Ao mostrar a bondade e o sacrifício de Tancredo e Túlio, ela evidencia a hipocrisia dos senhores de terras e comendadores, que muitas vezes se beneficiam do trabalho e da submissão dos escravos sem reconhecer sua humanidade ou contribuição.

A autora evidencia que a relação entre Tancredo e Túlio não é apenas uma relação de poder determinada historicamente (pela escravidão), mas também é moldada por

valores morais como generosidade e gratidão. Isso sugere que, apesar das estruturas sociais injustas da época, ainda havia espaço para atos de humanidade e solidariedade que desafiavam as normas estabelecidas.

A ideia de que o objetivo maior do escravo é trabalhar para conquistar sua liberdade é ressaltada nesse contexto. Túlio, ao ajudar Tancredo a comprar sua liberdade, não apenas recompensa um ato de generosidade, mas também reconhece o desejo legítimo de Tancredo de se libertar do jugo da escravidão.

Juliano Carrupt, (2018), ainda frisa que no romance *Úrsula*, o encontro entre o jovem escravo e o herói romântico típico, que é Tancredo, acontece para harmonizar a moralidade humana, sem que os personagens percam a determinação histórica, no entanto, permaneçam coerentes na enunciação do romance para o levantamento crítico dos problemas étnicos, políticos e de identidades culturais conflitantes e vigentes desde os primórdios da cultura brasileira, na relação entre o branco herdeiro da colonização europeia e o negro africano.

8. PERCURSO DE DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO DO PROJETO NA MODALIDADE EJA

8.1. Um breve histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos na era contemporânea

Segundo Cláudia e Márcia (2011), a década de 1980 foi um marco histórico na Educação de Jovens e Adultos (EJA), período durante o qual ocorreram significativas transformações nessa modalidade de ensino. Houve uma crescente atenção voltada para a educação por parte de diversos setores da sociedade.

De acordo com as autoras, a década de 1980, diversos movimentos sociais e políticos influenciaram a agenda educacional, especialmente no que diz respeito à EJA. A educação passou a ser vista não apenas como um direito fundamental, mas também como um meio de promover a inclusão social e econômica de jovens e adultos que não haviam completado sua educação formal na idade convencional.

Um dos marcos desse período foi a promulgação da Constituição Federal de 1988 no Brasil, que estabeleceu a educação como um direito de todos e um dever do Estado. Isso impulsionou políticas públicas voltadas para a EJA, visando ampliar o acesso e melhorar a qualidade do ensino oferecido a essa população.

Além disso, houve uma valorização crescente da educação como ferramenta de desenvolvimento pessoal e social, refletindo-se em iniciativas governamentais e não governamentais para expandir os programas de EJA e adaptá-los às necessidades específicas dos alunos adultos.

Portanto, a década de 1980 foi um período de mudanças significativas e avanços importantes para a Educação de Jovens e Adultos, consolidando-a como uma modalidade essencial para a inclusão educacional e social.

Se por um lado as transformações econômicas e tecnológicas criaram novas demandas de letramento, também é verdade que a permanente reafirmação da educação como direito humano impactou de maneira qualitativa o cenário educacional. No Brasil, esse processo coincidiu com a redemocratização do país e com a demanda pela mudança na cultura da gestão dos saberes no âmbito da escola: gestão das relações, gestão do currículo e gestão dos espaços voltados às aprendizagens. (PAULA, et al 2011, p. 23)

A citação destaca a interseção entre transformações econômicas, avanços tecnológicos e a evolução do conceito de educação como um direito humano fundamental.

Transformações Econômicas e Tecnológicas: Estas mudanças têm redefinido o conceito de letramento, não apenas como habilidades básicas de leitura e escrita, mas também como competências necessárias para navegar em um mundo cada vez mais digital e globalizado. Isso implica novas demandas educacionais para preparar os indivíduos para um mercado de trabalho em constante evolução.

Educação como Direito Humano: A afirmação da educação como um direito fundamental ressalta sua importância não apenas para o desenvolvimento individual, mas também para a promoção da igualdade e justiça social. Nesse contexto é que as autoras afirmam que no Brasil, esse reconhecimento se fortaleceu durante o período de redemocratização, refletindo um compromisso com a inclusão e a democracia educacional.

Mudança na Cultura da Gestão Educacional: Com a democratização, houve uma crescente demanda por uma gestão mais participativa e inclusiva nas escolas. Isso inclui não apenas a gestão dos aspectos pedagógicos como o currículo, mas também a gestão das relações interpessoais e dos espaços físicos de aprendizagem. A ideia é promover um ambiente educacional mais democrático, onde todos os membros da comunidade escolar possam participar ativamente na construção do conhecimento.

Em resumo, a citação sublinha a complexidade do cenário educacional contemporâneo no Brasil, onde fatores econômicos, avanços tecnológicos e princípios democráticos estão moldando não apenas o que é ensinado, mas também como é ensinado e gerido nas instituições educacionais. Essa reflexão é fundamental para compreendermos os desafios e as oportunidades presentes na educação brasileira hoje.

Nesse contexto de acordo com a autora, as mudanças atingiram de maneira especial a EJA pontuando:

Eternamente relegadas a espaços menores do sistema de ensino, ou se constituído como campo de ação dos movimentos populares e de entidades da sociedade civil organizada, foi a partir dos anos 1990 que a EJA retornou ao cenário nacional, repondo as antigas e novas questões à sociedade brasileira. O conceito de EJA, consensualizado na V Confitea, realizada em Hamburgo no ano de 1997 (Unesco, 19997), passou a ser um marco referencial conceitual e legislativo para profissionais e instituições, além de sistemas que desenvolvem projetos e programas de alfabetização e de escolaridade de jovens e adultos, que já vinham se comprometendo com a construção de uma realidade educacional mais progressista e plural. A conferência desdobrou e ampliou para a EJA a concepção de educação para todos ao longo da vida. Teve como produto principal, além da produção da Declaração de Hamburgo, a elaboração de uma “Agenda para o Futuro”, organizada em eixos temáticos considerados os principais focos de atenção das ações e políticas. (PAULA, et al, 2011, p. 25)

A citação discute o ressurgimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil a partir dos anos 1990, destacando seu papel tanto como um campo de ação para movimentos populares e entidades da sociedade civil, quanto como um marco legislativo e conceitual após a V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (V Confitea) realizada em Hamburgo, em 1997.

Nessa conferência, o conceito de EJA foi consolidado e ampliado, alinhando-se à visão de educação ao longo da vida promovida pela UNESCO. Isso implicou não apenas na alfabetização e escolarização de jovens e adultos, mas também na inclusão de princípios de progressismo e pluralidade educacional, refletindo um compromisso com uma educação mais democrática e acessível a todos.

A "Agenda para o Futuro" mencionada na citação, resultante da conferência, delineou diretrizes temáticas fundamentais para guiar políticas públicas e ações voltadas para a EJA, consolidando-a como parte integral do sistema educacional brasileiro. Esse contexto evidencia um esforço contínuo para enfrentar desafios históricos de exclusão educacional e promover uma educação mais inclusiva e igualitária no país.

Nesse viés, vale ressaltar a relevância do Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) - que visa a distribuição, a título de doação, de obras didáticas às entidades parceiras, com vistas à alfabetização de pessoas com idade de 15 anos ou mais. Em cumprimento ao Plano Nacional de Educação, esse programa busca ampliar as oportunidades educacionais e fornecer livros didáticos adequados ao público alfabetizando, como recursos do processo de ensino-aprendizagem.

Em essência, a proposta do PNLA (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) visa promover a diversidade cultural e literária dentro das salas de aula brasileiras, incentivando o estudo de diferentes gêneros textuais e valorizando a produção literária regional. No contexto do Maranhão, destacar obras de poesia, romances e contos de autoras maranhenses não apenas enriquece o repertório literário dos alunos, mas também fortalece a identidade cultural local.

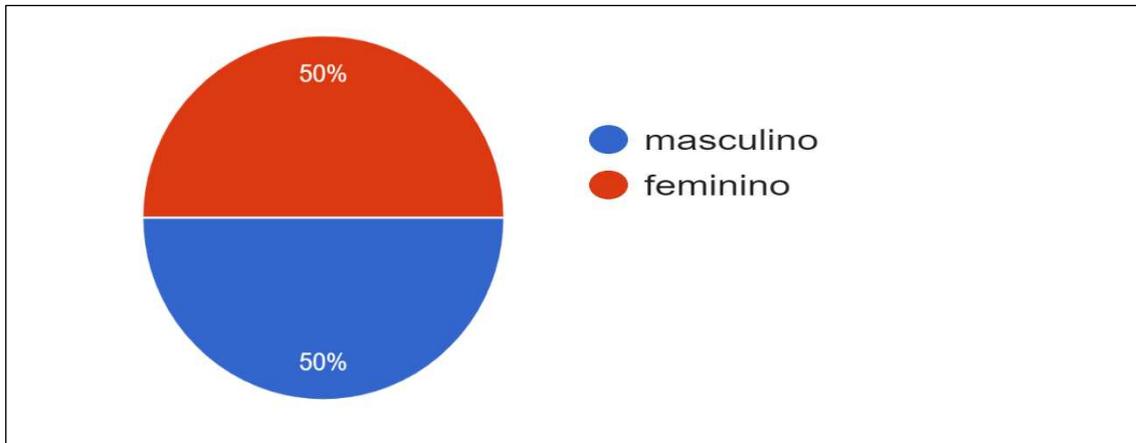
Ao explorar a literatura feminina do estado do Maranhão, os estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) têm a oportunidade não só de se familiarizar com textos que refletem suas próprias realidades e experiências, mas também de se sentir representados e valorizados dentro do ambiente educacional. Isso é crucial para promover uma educação inclusiva e sensível às especificidades culturais de cada região.

Além disso, ao estudar obras de autoras maranhenses, os alunos podem desenvolver uma maior empatia e compreensão das diferentes vozes e perspectivas presentes na literatura brasileira, contribuindo para uma formação crítica e reflexiva.

Portanto, trabalhar com gêneros textuais específicos da literatura maranhense, especialmente os produzidos por mulheres, não apenas atende à proposta do PNLA de diversidade cultural, mas também enriquece o processo educativo ao conectar os alunos com a rica herança literária de sua própria terra.

9. ANÁLISE DE DADOS ATRAVÉS DA VERIFICAÇÃO DE GRÁFICOS.

1.Gráfico - Sexo do público-alvo.

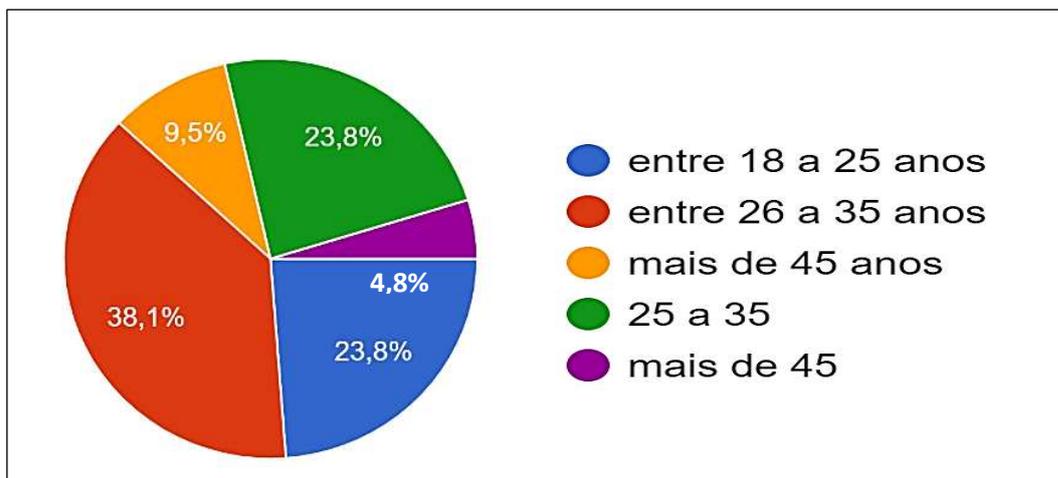


O gráfico “um”, mostra uma distribuição de gênero entre os entrevistados de maneira equitativa: metade dos entrevistados são homens e a outra metade são mulheres, isso permite que os resultados da pesquisa reflitam de maneira mais balanceada as perspectivas, opiniões e experiências tanto de homens quanto de mulheres.

Essa abordagem é crucial em estudos que buscam entender como variáveis podem ser influenciadas pelo gênero dos participantes. Ao garantir uma representação igualitária de ambos os gêneros na amostra, os pesquisadores podem minimizar o viés de gênero nos resultados e obter uma compreensão mais completa e precisa dos fenômenos estudados.

Dessa forma, o gráfico um mostra essa distribuição equitativa de gênero entre os entrevistados e enfatiza não apenas a importância da representatividade, mas também a necessidade de considerar e incluir as vozes de todos os gêneros para uma análise mais robusta e inclusiva.

2.Gráfico - Idade do público-alvo



Considerando a distribuição etária dos entrevistados no gráfico “dois”, há uma notável diversidade de faixas etárias. A análise revela que 23,8% dos entrevistados têm entre 18 e 25 anos, enquanto a mesma porcentagem, 23,8%, está na faixa de 25 a 35 anos. Adicionalmente, os entrevistados entre 26 e 35 anos representam uma parcela maior, totalizando 38,1%. Em contraste, os entrevistados com mais de 45 anos compõem apenas 9,5% do total.

Esses dados sugerem uma concentração significativa de entrevistados na faixa etária de 26 a 35 anos, indicando uma predominância dessa faixa entre os estudantes envolvidos na modalidade EJA, que desempenharam um papel crucial na coleta de dados deste projeto.

Juntas, as faixas etárias de 18 a 25 anos e de 26 a 35 anos compõem a maioria dos entrevistados, totalizando 62,7%. Isso evidencia uma participação expressiva de jovens adultos e adultos jovens no estudo.

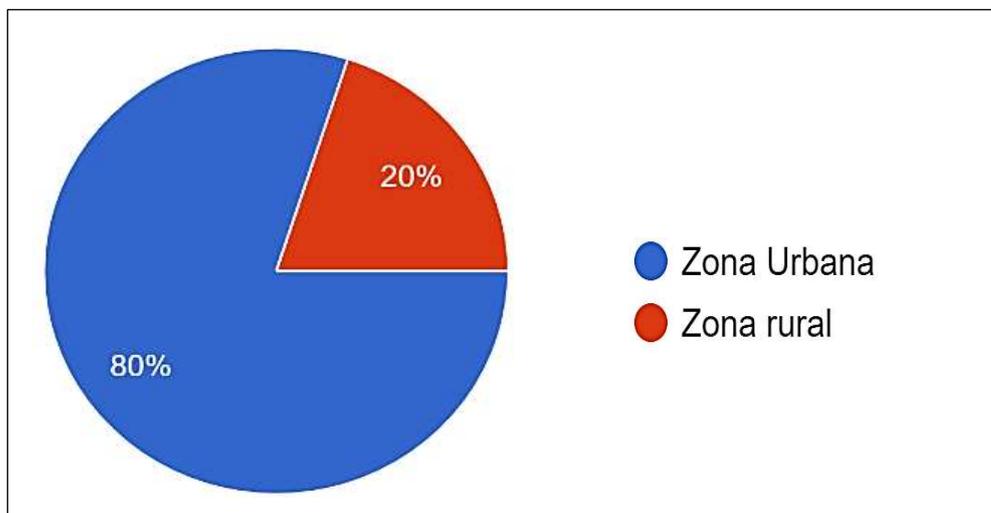
Com 38,1% dos entrevistados situados na faixa de 26 a 35 anos, fica claro que esta é a faixa etária predominante entre os participantes. Esse fato pode ser atribuído ao perfil dos estudantes da modalidade EJA, que desempenharam um papel central na coleta de dados.

A representação de apenas 9,5% de entrevistados com mais de 45 anos indica uma sub-representação dos mais velhos neste estudo.

Em síntese, os dados apontam uma concentração significativa de entrevistados na faixa etária de 26 a 35 anos, refletindo a predominância dessa faixa etária entre os estudantes participantes do estudo, especialmente na modalidade EJA mencionada.

Essa análise etária é crucial para compreender a demografia da amostra e pode influenciar interpretações posteriores dos resultados obtidos no projeto de pesquisa.

3.Gráfico - Local de moradia do público-alvo



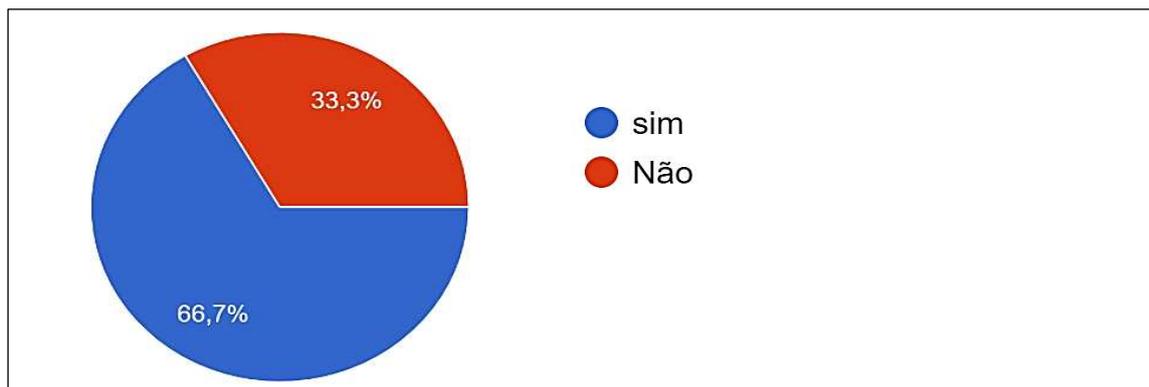
Segundo os dados coletados no gráfico três, 80% dos entrevistados residem em áreas urbanas, enquanto apenas 20% vivem na zona rural. Essa distribuição revela que a pesquisa é predominantemente composta por participantes urbanos, evidenciando uma sub-representação significativa de jovens e adultos rurais que não frequentam ambientes educacionais formais.

Essa disparidade é relevante porque contextos urbanos e rurais podem diferir significativamente em termos socioeconômicos, culturais e educacionais. Portanto, os resultados da pesquisa podem estar mais alinhados com a realidade urbana do que com a realidade rural, o que limita a generalização dos achados para toda a população.

Para mitigar esse viés, é essencial reconhecer essa falta de representatividade ao interpretar os resultados. Estratégias como ajustes estatísticos, coleta adicional de dados em áreas sub-representadas ou análises separadas por contexto podem ser necessárias para obter uma visão mais equilibrada e precisa dos fenômenos estudados, levando em consideração as particularidades tanto das áreas urbanas quanto rurais.

Portanto, ao interpretar os resultados, é importante reconhecer que a amostra pode não ser totalmente representativa de todas as áreas geográficas e demográficas pertinentes ao estudo.

4.Gráfico - Você gosta de literatura?

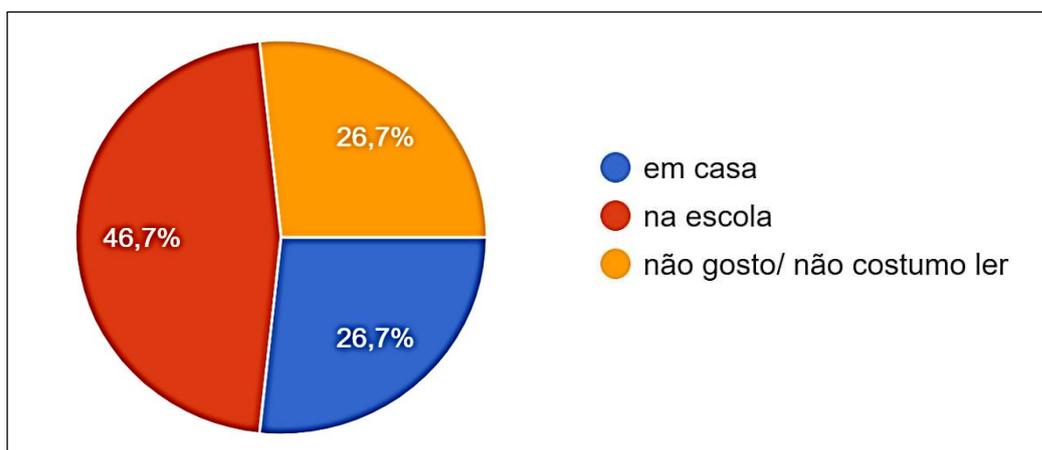


O gráfico quatro questiona se os alunos gostam de literatura. Dos 20 alunos entrevistados, 33,3% afirmaram não apreciar literatura, enquanto 66,7% declararam gostar. Esses resultados indicam um interesse significativo pela literatura entre os estudantes entrevistados, refletindo uma inclinação positiva em relação a esta área do conhecimento.

Esses números sugerem que a maioria dos alunos (66,7%) possui um interesse pela literatura, o que pode ser interpretado como um reflexo positivo do envolvimento dos estudantes com essa área do conhecimento. Isso demonstra que a literatura é valorizada por uma parte substancial da amostra entrevistada, indicando um cenário favorável em termos de interesse e possivelmente de engajamento dos alunos com esse campo educacional e cultural.

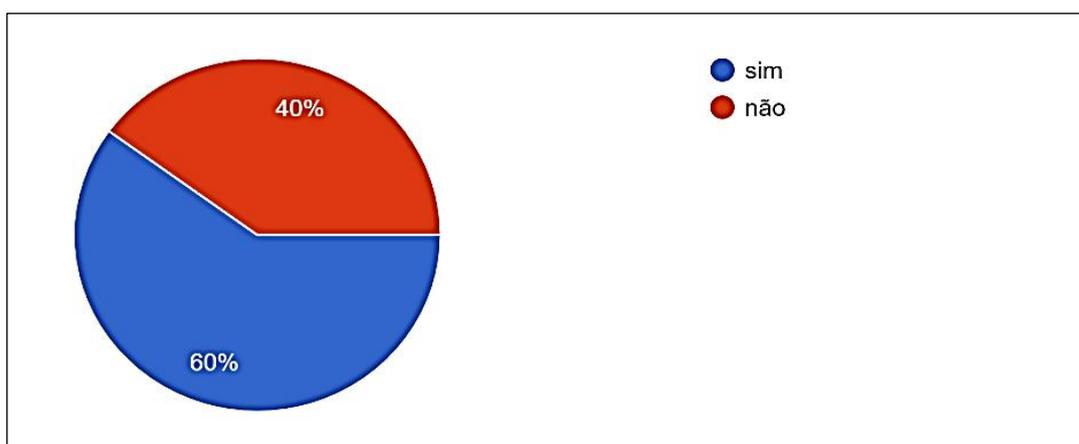
Essa inclinação positiva pode ser vista como um indicativo de que a literatura é percebida como relevante e atrativa por uma maioria dos alunos entrevistados, o que pode ser encorajador para programas educacionais e esforços para promover o gosto pela leitura e análise literária entre os jovens.

5.Gráfico - Onde você costuma ter acesso a literatura?



O Gráfico cinco investigou como os entrevistados acessam a literatura. Segundo os dados, 26,7% dos participantes leem em casa, enquanto 40% têm acesso à literatura na escola. Esses números sugerem que a maioria dos leitores em Zé Doca, conforme relatado pelos alunos da Escola Municipal José Miranda Braz na modalidade EJA, começa a se interessar pela leitura principalmente dentro do ambiente escolar. Isso indica a falta de uma cultura de leitura fora da escola. Infelizmente, este é um dos principais desafios enfrentados por muitos professores das séries iniciais na alfabetização de seus alunos. A ausência de hábito de leitura impacta negativamente no desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e linguagem de forma ampla, resultando em dificuldades e atrasos na aprendizagem. Além disso, 26,7% dos entrevistados demonstram não ter interesse ou hábito de leitura.

6.Gráfico - Você costuma ter curiosidades sobre quem escreveu o livro que você lê?



No que diz respeito ao gráfico seis, verificou-se que, quando questionados sobre quem escreveu os livros que costumam ler, 40% dos entrevistados demonstraram curiosidade, enquanto 60% afirmaram não se interessar. Esses resultados indicam que a maioria dos entrevistados não mostra interesse pelo autor dos livros que leem.

Essa falta de curiosidade pode sugerir que a leitura não é direcionada ou motivada por um propósito específico, resultando em uma ausência de necessidade de conhecer o autor por trás da obra. É importante ressaltar que o estímulo para investigar o que se lê deve vir da família, da escola e da comunidade em que o leitor está inserido. Por outro lado, sem compreender a importância de conhecer o autor de uma obra e qual é o propósito dela para a sociedade e para sua formação intelectual, o leitor pode não desenvolver essa habilidade.

7.Gráfico- Você conhece alguma obra/autor maranhense?



O gráfico sete, mostra que 20% das pessoas afirmaram conhecer alguma obra ou autor maranhense, enquanto 80% responderam que não conheciam. No entanto, dentro dos 20% que afirmaram conhecer, não especificaram nem o autor nem a obra específica. Isso sugere que o conhecimento sobre a literatura maranhense não se baseia em leituras pessoais, mas sim em informações passadas por terceiros, ocasionalmente compartilhadas.

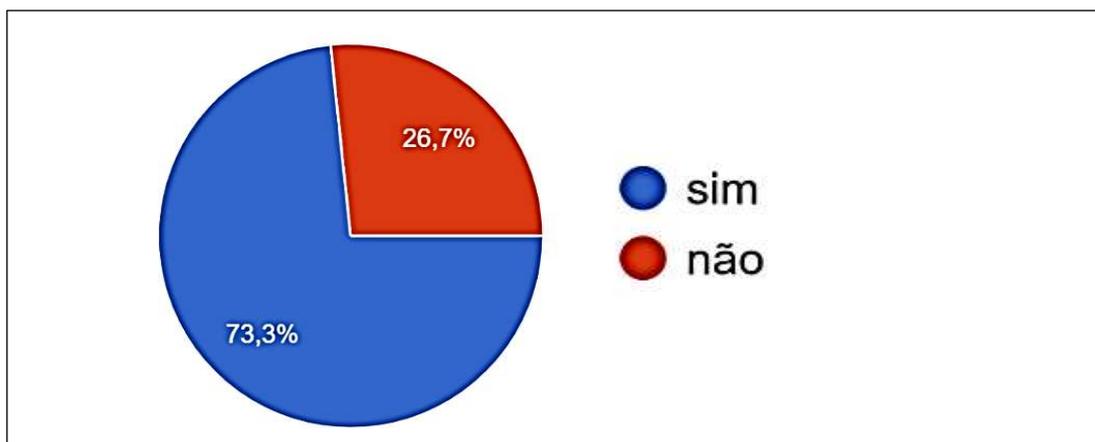
Essa situação revela uma familiaridade superficial com a literatura do Maranhão, indicando que muitas pessoas têm um conhecimento limitado e não diretamente explorado dessa área cultural.

O gráfico sete discute como uma parcela significativa das pessoas que afirmam conhecer obras ou autores maranhenses não consegue especificar nenhum autor ou obra em particular. Isso sugere que o conhecimento sobre a literatura do Maranhão é frequentemente superficial e baseado em informações de segunda mão, em vez de experiências pessoais de leitura. Esse fenômeno pode indicar que muitas pessoas têm um conhecimento limitado e não explorado dessa área cultural específica.

Essa situação levanta questões sobre como o conhecimento cultural é adquirido e disseminado. Parece haver uma lacuna entre o reconhecimento superficial de nomes ou conceitos e um verdadeiro engajamento com a literatura maranhense através da leitura e da experiência direta. Isso pode refletir não apenas nas práticas de leitura em si, mas também na forma como as culturas regionais são valorizadas e transmitidas dentro de uma sociedade mais ampla.

Portanto, o gráfico sete destaca não apenas a existência de um conhecimento limitado sobre a literatura maranhense, mas também a necessidade de promover uma maior familiaridade genuína e um entendimento mais profundo dessa rica tradição cultural.

8.Gráfico- Você acha que as mulheres têm a mesma oportunidade que os homens escritores quando publicam suas obras?



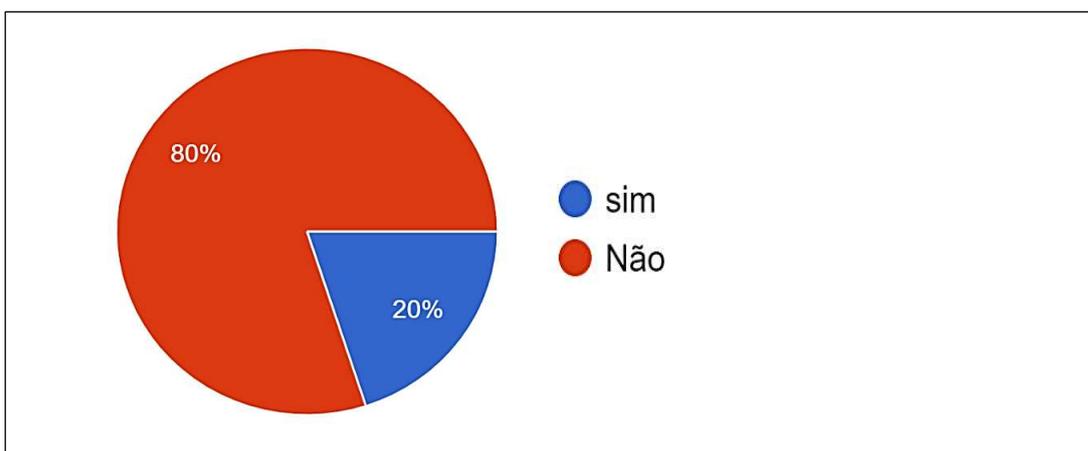
O gráfico oito mostra que 26,7% dos entrevistados acreditam que as mulheres escritoras têm as mesmas oportunidades que os escritores do sexo masculino, enquanto 73,3% afirmaram o contrário. A opinião desses entrevistados reflete uma percepção frequentemente moldada por leituras de obras, muitas das quais datam do século XIX, uma época em que a maioria das obras publicadas era de autoria masculina. Apesar dos avanços sociais desde então, essa visão persiste entre os alunos do século XXI, levando-os a concluir, de forma sucinta, que as mulheres escritoras ainda não desfrutam das mesmas oportunidades que seus colegas homens.

Essa percepção pode ser atribuída a várias razões históricas e contemporâneas. Historicamente, muitas obras literárias clássicas foram escritas por homens, e isso moldou a visão tradicional de quem é considerado um "grande autor". Mulheres enfrentaram barreiras significativas para serem publicadas e reconhecidas ao longo da história, com muitas vezes sendo sub-representadas ou subvalorizadas em comparação com seus colegas masculinos.

Apesar dos avanços sociais nas últimas décadas, que têm proporcionado mais visibilidade e espaço para vozes femininas na literatura, essa percepção persistente sugere que ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar igualdade de oportunidades. A ideia de que as leituras de obras, muitas delas escritas há décadas ou séculos, continuam a influenciar essa visão é importante. O currículo educacional e as listas de leitura muitas vezes refletem essas obras clássicas predominantemente masculinas, o que pode perpetuar a crença de que mulheres escritoras não têm o mesmo reconhecimento ou oportunidades que seus colegas masculinos.

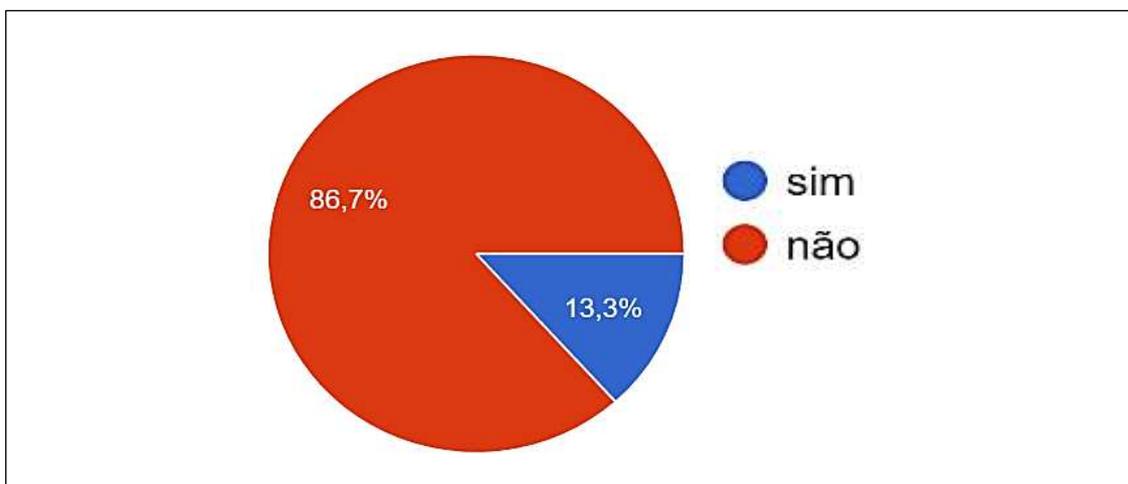
Portanto, o gráfico oito, destaca não apenas uma percepção estatística atual, mas também as implicações históricas e culturais que moldam essa visão, sublinhando a necessidade contínua de promover e valorizar o trabalho das mulheres na literatura e em outros campos criativos.

9.Gráfico - Você conhece alguma escritora maranhense?



De acordo com o gráfico apresentado, 80% dos entrevistados afirmaram não conhecer nenhuma autora maranhense, enquanto apenas 20% disseram conhecer vagamente uma ou outra escritora mulher. As respostas dos entrevistados foram esclarecedoras, proporcionando uma visão ampla sobre o motivo pelo qual a população leitora do município de Zé Doca não está familiarizada com autoras maranhenses. Esta situação pode ser explicada pela ausência de divulgação ao longo do tempo. Por exemplo, na pesquisa sobre autoras mulheres do século XIX, a única representante do estado do Maranhão, Maria Firmina dos Reis, ficou desconhecida por mais de um século, sendo resgatada apenas através dos esforços do historiador José Moraes. Além disso, mesmo em âmbitos acadêmicos como as universidades locais, a divulgação dessa autora e sua obra são limitadas.

10.Gráfico - Você conhece alguma escritora negra que seja do maranhão?



O gráfico diz revela que 86,7% dos entrevistados afirmaram não conhecer uma autora negra, enquanto apenas 13,3% responderam positivamente. Esses dados destacam uma disparidade na divulgação entre escritoras e escritores, refletindo uma sub-representação significativa de autoras femininas na literatura.

Além disso, é importante considerar o contexto histórico. No século XIX, tanto mulheres quanto pessoas negras enfrentavam barreiras significativas para serem reconhecidas como autoras. A falta de direitos e acesso à educação formal limitava suas oportunidades de se destacar no cenário literário dominado por homens brancos.

Essa realidade histórica e cultural contribui para a ausência de autoras negras nos currículos escolares e nos projetos de leitura da educação básica. Há uma negligência na promoção das obras de autoras maranhenses, especialmente as mulheres do estado do Maranhão, cujas contribuições literárias são subvalorizadas.

Portanto, é fundamental promover maior inclusão e representação de autoras negras e maranhenses nos programas educacionais e na divulgação literária, reconhecendo suas contribuições para a cultura e a história literária do país.

Apesar da Lei 11.645 de 2008, que torna obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados, o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, ainda é possível observar, nas análises do gráfico, a ineficácia do ensino no que tange aos gêneros textuais literários da literatura afro-brasileira nas escolas.

11.Gráfico - Você acha possível que em 1822 uma mulher negra e pobre tenha escrito alguma obra literária?



No gráfico onze, ao serem questionados sobre a possibilidade de uma mulher negra e pobre ter escrito uma obra em 1822, 64,3% dos entrevistados responderam categoricamente que não. Os restantes 35,7% manifestaram incerteza quanto ao sim. A predominância dessa resposta se deve à composição majoritariamente sênior e feminina do corpo discente, cujas respostas são influenciadas por suas próprias vivências.

O ano de 1822 pertence ao século XIX, período em que as mulheres eram marginalizadas e destinadas principalmente ao casamento e às tarefas domésticas, como costura, bordado, cozimento e cuidados com a casa e filhos. Nesse contexto histórico, é compreensível que a percepção coletiva fosse de que uma mulher não teria espaço ou oportunidade para produzir literatura.

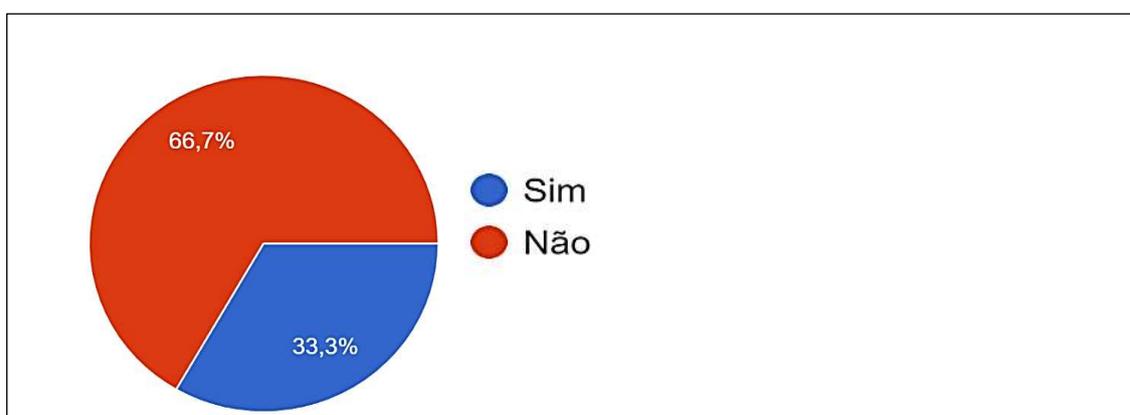
O gráfico onze discute a percepção predominante de que uma mulher negra e pobre não teria sido capaz de escrever uma obra em 1822, especialmente considerando o contexto histórico extremamente restritivo para as mulheres, tanto em termos de gênero quanto de raça. No século XIX, as mulheres enfrentavam barreiras significativas para qualquer forma de expressão intelectual ou artística, sendo frequentemente limitadas aos papéis de esposas e mães, relegadas às atividades domésticas.

A afirmação de que 64,3% dos entrevistados responderam categoricamente "não" à possibilidade de uma mulher negra e pobre ter escrito uma obra em 1822 reflete uma visão arraigada na percepção histórica dominante, que subestimava e marginalizava as contribuições de mulheres, especialmente aquelas de origens étnicas ou sociais menos privilegiadas. Essa visão pode ser moldada pelas experiências e conhecimentos dos entrevistados, muitos dos quais são pessoas mais velhas e mulheres, cujas perspectivas foram profundamente influenciadas pelas normas e expectativas de suas épocas.

No entanto, é importante destacar que essa percepção coletiva não reflete necessariamente toda a realidade histórica. Historicamente, houve mulheres que, mesmo enfrentando condições desfavoráveis, conseguiram escrever e publicar suas obras, muitas vezes sob pseudônimos masculinos ou anonimamente. A história literária e cultural revelou ao longo dos anos diversas vozes que desafiaram essas restrições sociais e deixaram contribuições significativas para a literatura e outras formas de arte.

Portanto, enquanto compreensível dentro do contexto histórico, é crucial reconhecer que as percepções e crenças predominantes nem sempre capturam toda a complexidade e diversidade das experiências históricas individuais e coletivas.

12.Gráfico- Já ouviu falar em Maria Firmina dos Reis?



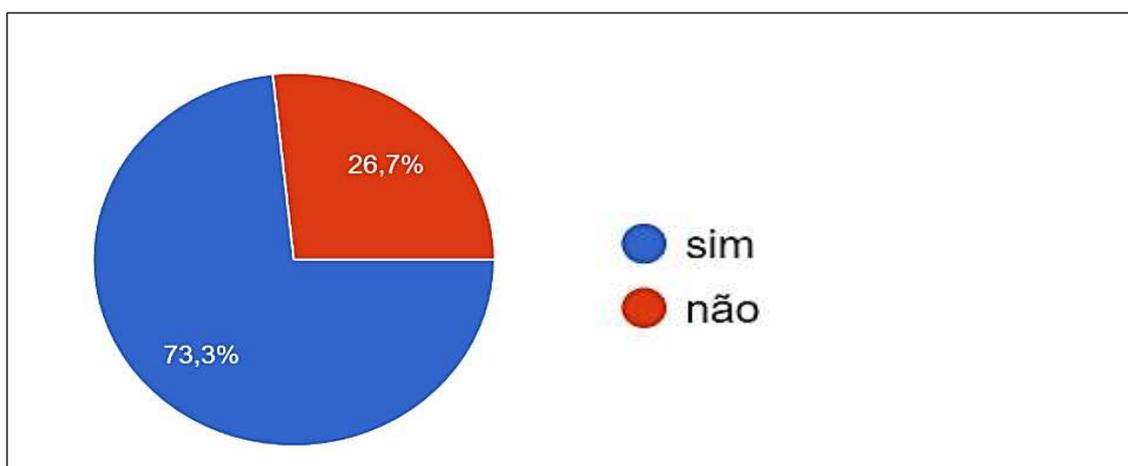
Considerando a pergunta do gráfico doze, na qual 66,7% dos entrevistados afirmaram não ter ouvido falar de Maria Firmina dos Reis, é evidente que a autora ainda não é reconhecida por uma grande parte dos estudantes da rede municipal. Os restantes 33,3% indicaram ter conhecimento superficial sobre a autora, o que representa uma minoria significativa. Portanto, há uma clara necessidade de introduzir o estudo da obra de Maria Firmina dos Reis nas escolas, a fim de ampliar o conhecimento sobre esse importante figura da literatura brasileira.

A coleta de dados do gráfico doze aponta a falta de reconhecimento de Maria Firmina dos Reis entre os estudantes da rede municipal, destacando que 66,7% dos entrevistados não tinham ouvido falar dela. Isso evidencia uma lacuna no conhecimento sobre essa importante figura da literatura brasileira. Os restantes 33,3% indicaram ter um

conhecimento superficial sobre a autora, mostrando que há uma minoria que tem alguma familiaridade com sua obra.

Diante desses dados, fica claro que existe uma necessidade urgente de introduzir o estudo da obra de Maria Firmina dos Reis nas escolas. Isso não apenas ampliaria o conhecimento dos estudantes sobre essa autora pioneira, mas também enriqueceria o entendimento sobre a diversidade e a riqueza da literatura brasileira. Ao fazer isso, seria possível valorizar devidamente sua contribuição para a cultura e história do Brasil, além de promover uma maior inclusão de vozes e perspectivas na educação literária.

13. Gráfico - Gostaria de conhecer a história de uma mulher maranhense negra e pobre nascida em 1822 escritora, e primeira professora concursada no estado do Maranhão?



Ao serem introduzidos à história de uma mulher negra e pobre que se destacou como escritora no século XIX no estado do Maranhão, 73,3% dos entrevistados, todos estudantes, demonstraram um grande interesse. Eles se prontificaram imediatamente a ouvir com entusiasmo a história de vida da escritora, indicando que era a primeira vez que ouviam falar dela.

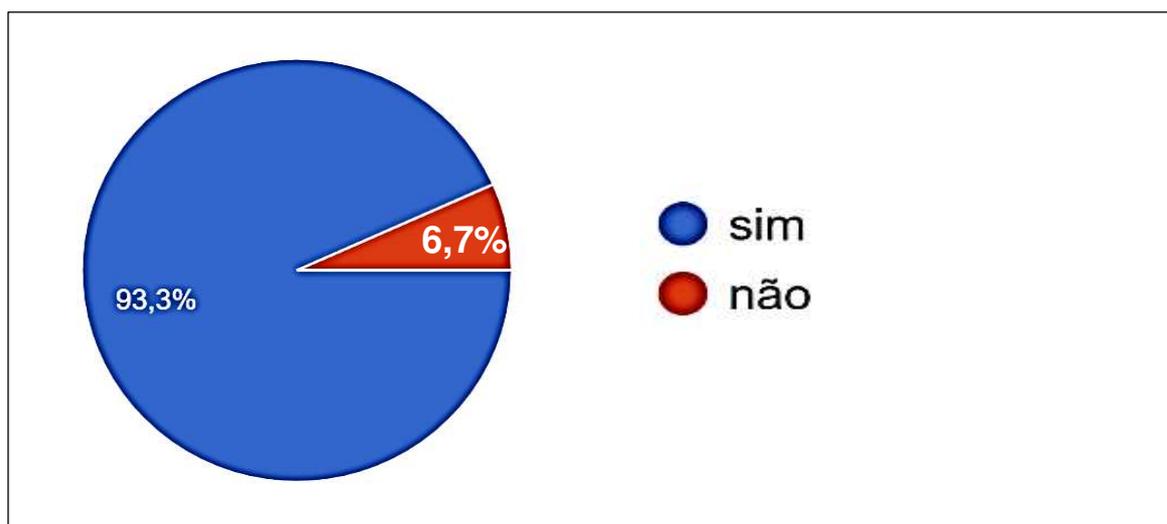
Esses resultados revelam que muitos leitores, embora não conheçam a vida de Maria Firmina dos Reis, não demonstram falta de interesse, mas sim uma lacuna na divulgação e incentivo à leitura de obras produzidas por escritores maranhenses, especialmente mulheres escritoras, nas escolas.

Os dados destacam também que o conhecimento sobre a participação dos negros na literatura, quando apresentado de forma protagonista, atrai mais a atenção dos alunos do que as leituras habituais realizadas em sala de aula. Assim, os números fornecidos pelos

próprios estudantes confirmam esse interesse, com apenas 26,7% não demonstrando interesse na história apresentada.

Esses resultados sublinham a importância de incluir autores e autoras diversos na educação escolar, para enriquecer o repertório cultural dos estudantes e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva da história literária brasileira.

14. Gráfico - Você autoriza que suas respostas sejam usadas para a construção do trabalho de conclusão de curso do pesquisador?



O gráfico quatorze destaca a alta taxa de aprovação dos alunos para a aplicação do questionário em sala de aula, com 93,3% consentindo com a divulgação de suas respostas. Esse alto grau de satisfação demonstra o reconhecimento dos alunos quanto à relevância da pesquisa sobre a história da escrita feminina no estado do Maranhão, especialmente focada na escritora Maria Firmina dos Reis. A disposição unânime e voluntária dos alunos em contribuir para o projeto sublinha o engajamento e o apoio coletivo à iniciativa de coleta de dados, apesar de apenas um aluno (correspondendo a 6,7% dos entrevistados) ter optado por não autorizar a publicação de suas respostas. Essa participação positiva dos alunos evidencia o valor percebido da pesquisa e o interesse em colaborar para seu sucesso e consolidação.

10. CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, foi possível analisar uma grande lacuna na literatura maranhense sobre a história das mulheres como protagonistas, evidenciando sua sub-representação em comparação com o papel secundário que tradicionalmente desempenham nas letras, apesar das transformações sociais e das conquistas alcançadas ao longo dos séculos.

Os resultados obtidos e analisados nos gráficos sete, nove e onze, indicam que a maioria dos estudantes não têm familiaridade com escritoras maranhenses ou escritoras negras de 1822, o que reforça a ideia de que as estruturas patriarcais, que perduram há milênios, ainda têm uma forte influência na formação cultural. Com base nos resultados apresentados, pode-se concluir que as respostas dos entrevistados revelam um conformismo e a perpetuação da desigualdade de gênero, o que reflete o impacto contínuo dessas estruturas nas percepções sociais.

Dessa forma, a realização deste estudo reforça a importância de se trabalhar Maria Firmina dos Reis em sala de aula, especialmente "Úrsula", uma exceção do período colonial brasileiro. Publicada no século XIX, a obra desafiou as normas estabelecidas sobre o papel das mulheres na sociedade patriarcal, ao revelar os diversos espaços ocupados por elas e, ao mesmo tempo, questionar as injustiças e a falta de voz de homens e mulheres oprimidos pela dominação de uma minoria privilegiada.

Esse estudo enfatiza a contribuição significativa de Maria Firmina dos Reis para a literatura brasileira, ressaltando a importância de pesquisas que incentivem o conhecimento crítico nas salas de aula. Ao destacar a relevância das mulheres na cultura e na história, o trabalho propõe uma reflexão sobre a necessidade de reconhecimento contínuo das contribuições femininas, enquanto promove uma compreensão mais profunda dos processos históricos. Além disso, o estudo fomenta o aprimoramento da integração entre ensino e aprendizagem, fortalecendo a credibilidade acadêmica e incentivando novos estudos sobre a voz feminina na sociedade.

Por fim, espera-se que os dados e insights aqui apresentados possam servir de base para outros pesquisadores, promovendo uma compreensão mais profunda de Literatura Maranhense do Século XIX e, assim, contribuindo para o avanço do conhecimento na área de literatura.

REFERÊNCIAS

ADLER, Dilercy Aragão. **Maria Firmina dos Reis**: consolidando a ressignificação de uma precursora. Salvador, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/ANDREIA/Downloads/28875-Texto%20do%20Artigo-102228-1-10-20181217%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/ANDREIA/Downloads/28875-Texto%20do%20Artigo-102228-1-10-20181217%20(2).pdf). Acesso em 15 de dezembro de 2022.

ANDRADE, Janilto. In: CRUZ, Arlete Nogueira da. *Sal e Sol*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

BARRIGA, Walther Negrão; MÁXIMO, Duca; CARRASCO, Walcyr, et al. *O Cravo e a Rosa*. São Paulo: Rede Globo, 2000.

BOTELHO, Joan. *Conhecendo e Debatendo a História do Maranhão*. 3. ed. São Luís-MA: Gráfica e Editora Impacto, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução Maria Helena Kühner. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. **Presidência da República**: Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Art. 1º O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_11645_100308.pdf> Acesso em 15 de dezembro de 2022.

BRIDGERTON." Criado por Chris Van Dusen, prod. Shonda Rhimes, Netflix, 2020.

CALADO, Karina de Almeida. A razão e perspectiva autoral negra na escrita de Maria Firmina dos Reis. In: CONSTÂNCIA, Lima Duarte et. al. (org). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

CARVALHO, Jéssica Cantanhede Barbosa de. **Maria Firmina dos Reis**: inscrições poéticas no cenário oitocentista. In: CONSTÂNCIA, Lima Duarte et. al. (org). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DIOGO, Luciana. **Maria Firmina dos Reis**: vida literária. 1. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura-afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XIX. 2.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a Desconstrução da Razão Negra Ocidental. In: CONSTÂNCIA, Lima Duarte et. al. (org). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FURTADO, Lucciani M. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**: prosa completa & poesia livro 1. ed. São Paulo: Uirapuru, 2017.

GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis**: e o cotidiano da escravidão no Brasil. São Luís- MA: AML,2022.

- GONZALEZ, Lélia, In: CARMO, Renata Di. **As Faces de Maria Firmina dos Reis: Diálogos Contemporâneos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bambual, 2022.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos. 3.ed. São Luís: UEMA, 2008.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2021.
- LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista**: a luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. Vítimas e Algozes. Disponível em: < http://brasilindependente.weebly.com/uploads/1/7/7/1/17711783/joaquim_manuel_de_macedo_as_vitimas-algozes.pdf> Acesso em novembro de 2023.
- MEC, **Ministério da Educação**: Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) criado pela Resolução nº 18, de 24 de abril de 2007. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/pnla>> Acesso em novembro de 2023.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues. Maria Firmina dos Reis em Diálogo com Romancistas Negras Brasileiras. In: CONSTÂNCIA, Lima Duarte et. al. (org). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma Pioneira**: Maria Firmina dos Reis. In: CONSTÂNCIA, Lima Duarte et. al. (org). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. A construção do negro no romance. In: CONSTÂNCIA, Lima Duarte et. al. (org). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- PAULA, Cláudia Regina, Oliveira, Márcia Cristina de. **Educação de Jovens e Adultos: a educação ao longo da vida**. Curitiba: Ibpx, 2011.
- PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. **Traduzindo Maria Firmina dos Reis: percurso, propostas e desafios**. In: “**A Mente Ninguém pode Escravizar**”: Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2022.
- RIBEIRO, Djalma. In: CARMO, Renata Di. **As Faces de Maria Firmina dos Reis: Diálogos Contemporâneos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bambual, 2022.
- REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. 1. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.
- REIS, Bárbara. In: REIS, Maria Firmina dos. A Escrava. Rio de Janeiro: Galuba, 2020.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula: 1. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas escrituras. In: DEL PRIORE, Mery (org). Histórias das Mulheres no Brasil. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

TOLEDO, Rilza Rodrigues. **Ursula, de Maria Firmina dos Reis**: arma de combate marcando a presença da mulher escritora na literatura brasileira. In: CONSTÂNCIA, Lima Duarte et. al. (org). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

TROINA, Rosane Jaehn. **Entre o calar e o falar em Úrsula**: ressignificando o mito de uma literatura única. In: **“A Mente Ninguém pode Escravizar”**: Maria Firmina dos Reis pela crítica literária contemporânea. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2022.

WOOLF, Virgínia. **Mulheres e Ficção**. Tradução de Leonardo Fróes. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

ANEXOS



APLICAÇÃO DE PROJETO UEMA

Prezados alunos,

Solicitamos sua colaboração para preencher este questionário, que faz parte de um projeto de pesquisa a ser apresentado à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como requisito para obtenção do grau em Letras. A pesquisa é orientada pela professora especialista Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos, da mencionada instituição.

Ao participar desta pesquisa, que visa coletar opiniões dos alunos sobre a representação feminina na literatura maranhense, com foco na autora Maria Firmina dos Reis, você estará contribuindo para uma melhor compreensão das dinâmicas que envolvem esses conceitos.

O questionário é anônimo e confidencial, e os dados coletados não serão utilizados para outros fins além deste estudo.

Agradecemos sua disponibilidade e participação.

Atenciosamente,

Andreia Lima Carvalho, Lúcia Fernanda e Gisele Alcântara.

andreialimacarvalho95@gmail.com [Mudar de conta](#)



Não compartilhado

01) Sexo

feminino

Masculino

02) Idade

- mais de 45 anos
- entre 26 a 35 anos
- entre 18 a 25 anos

03) Local de moradia

- Zona Urbana
- Zona rural

04) Você gosta de literatura?

- sim
- Não

5) Onde você costuma ter acesso a literatura?

- em casa
- na escola
- não gosto/ não costumo ler

6) Você costuma ter curiosidade sobre quem escreveu o livro que você lê?

- sim
- não

7) Você conhece alguma obra/autor maranhense?

sim

não

8) Você acha que as mulheres escritoras têm as mesmas oportunidades que os homens escritores quando publicam suas obras?

sim

não

9) Você conhece alguma escritora maranhense?

sim

Não

10) Você conhece alguma escritora negra que seja do Maranhão?

sim

não

11) Você acha possível que em 1822 uma mulher negra e pobre tenha escrito alguma obra literária?

sim

não

12) Já ouviu falar em Maria Firmina dos Reis?

Sim

Não

13) Gostaria de conhecer a história de uma mulher maranhense negra e pobre nascida em 1822 e que foi escritora, e primeira professora concursada no Maranhão?

sim

não

14) Autorizo que minhas respostas sejam usadas para construção do trabalho de conclusão de curso do pesquisador.

sim

não

Enviar

Limpar formulário

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários